

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

YURI ANDERSON SIMÕES PEREIRA

**IDOSOS EM LARES COMUNITÁRIOS:
Memórias, Afetos e Histórias**

Produto Jornalístico

Mariana
2022

YURI ANDERSON SIMÕES PEREIRA

**IDOSOS EM LARES COMUNITÁRIOS:
Memórias, Afetos e Histórias**

Memorial de Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel na graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Orientador: Prof. Ricardo Augusto Orlando

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P436i Pereira, Yuri Anderson Simões.
Idosos em Lares Comunitários [manuscrito]: Memórias, Afetos e Histórias. / Yuri Anderson Simões Pereira. - 2022.
81 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. História social. 2. Idosos. 3. Memória coletiva. 4. Mídia social. 5. Velhice. I. Orlando, Ricardo Augusto Silveira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 364.4-053.9

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Yuri Anderson Simões Pereira

**Idosos em lares comunitários:
Memórias, Afetos e Histórias**

Memorial do trabalho de conclusão de curso, modalidade produto, apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel

Aprovada em 13 de janeiro de 2022.

Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Augusto Silveira Orlando - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Universidade Federal de Ouro Preto)

O prof. Ricardo Augusto Silveira Orlando, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/01/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Augusto Silveira Orlando**, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR, em 25/01/2022, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0269037** e o código CRC **A1F3F8CD**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000602/2022-78

SEI nº 0269037

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos os idosos que vivem em Lares Comunitários e que, infelizmente, continuam sendo invisibilizados. As histórias de vidas de vocês são tão valiosas quanto todas as outras. Em especial, dedico este trabalho ao Sr. João Eustáquio, Sra. Alda Viana, Sra. Vera Lúcia, Sr. Luiz Diogo e Sra. Maria de Jesus, moradores do Lar Comunitário Santa Maria, que por meio do podcast Vidas (in)Visíveis, puderam ter suas histórias de vida amplificadas. Sem a participação ativa e a aceitação em expor suas histórias, nada disso teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto do esforço, não só meu, mas de muitas outras pessoas que estiveram presentes em todas as etapas, desde a idealização do projeto, à sua realização na prática. Agradeço especialmente ao meu orientador, Ricardo Augusto, que não mediu esforços em auxiliar e acompanhar cada etapa de produção. Sem suas palavras de ânimo durante todo o processo, nada disso teria sido possível.

Agradeço, de formas grandiosas, ao Sr. João Eustáquio, Sra. Alda Viana, Sr. Luiz Diogo, Sra. Vera Lúcia e Sra. Maria de Jesus, por terem me recebido, mesmo que à distância, na casa de vocês. Sem a boa vontade de vocês de deixarem que esse futuro jornalista escutasse suas histórias, esse trabalho jamais seria realizado.

Ao Lar Comunitário Santa Maria, agradeço por toda a parceria que vem sendo construída desde 2019, nos nossos primeiros contatos. Em especial, agradeço à Irmã Isimar Linares, que colaborou de forma ativa na construção desse podcast, por ter acreditado no potencial que conseguiríamos alcançar.

Ao trabalhar com áudios, por muitas vezes, o editor acaba não vendo mais nenhuma diferença entre os materiais. Por terem me auxiliado com opiniões de grande valor, agradeço a minha mãe, Erica Simões, e a minha irmã Yasmin Nicolly, além dos meus amigos, Ana Luiza, Alanna Rezende, Ana Martins, Ana Júlia, Débora Silva, Gabriel Filipe e Arthur Carvalho.

Na produção prática, agradeço ao meu amigo Marcos Paulo, pela criação do logotipo que dá originalidade ao podcast, a Thaynara Carolino, que auxiliou na locução e a Gabriel Filipe, pela ajuda na revisão. Agradeço também à Universidade Federal de Ouro Preto e aos técnicos Osmira e Thiago Caldeira, pelo auxílio.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de estórias, estórias da vida, estórias das estrelas, estórias de triunfo e tragédia.

Nelson Traquina

RESUMO

O texto tem como objetivo apresentar o trabalho “Lares comunitários: Memórias, Afetos e Histórias”, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade produto e que teve como objeto a produção do podcast Vidas (in)Visíveis, que trata da velhice a partir de narrativas de idosos que vivem no Lar Santa Maria, em Mariana-MG. De início, o texto traz uma contextualização teórica sobre a velhice, tanto no Brasil quanto no mundo, suas mudanças no decorrer do tempo e as formas com que o tema foi desenvolvido por diferentes áreas. Além disso, também trata de memória e faz um panorama das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) no país. Discute ainda o podcast, meio de produção escolhido para a concretização da ideia, e modos de trabalho utilizados para o desenvolvimento do Vidas (in)Visíveis. O podcast teve como objetivo amplificar as histórias de vida de cinco idosos institucionalizados – grupo invisibilizado pela sociedade – que vivem no Lar Santa Maria, por meio de quatro episódios em que os próprios sujeitos tomam a palavra e contam suas histórias.

Palavras-chave: Histórias de vida; Velhice; Podcast; Instituições de Longa Permanência para Idosos; Idosos; Memória;

ABSTRACT

The article aims to present the work "Retirement Homes: Memories, Affections and Stories", result of Final Paper in the product modality. The object of this work was the realization of the podcast (in)Visible Lives (Vidas (in)Visíveis), who talks about old age using as narratives the lifetime of elderly people who live in the Santa Maria's Retirement Home, in Mariana-MG. Initially, the text brings a theoretical context about old age, both in Brazil and in the world, and how it changed over time. The article also discusses the ways in which the theme was developed by different areas. In addition, it also deals with a theoretical discussion about memory and makes an overview of the Long Stay Institutions for the Elderly (LSIE) in Brazil. This article also discusses the podcast, the means of production chosen for the realization of the product, and working methods used for the development of (in)Visible Lives. The podcast aimed to amplify life's history of five institutionalized elderly people - a group invisibilized by society - who live in the Santa Maria's Retirement Home, through four episodes in which the subjects themselves speak and tell their stories.

Keywords: Lifetime; Old age; Podcast; Retirement Homes; Old people; Memory;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. VELHICE	13
2.1 O surgimento da terceira idade	16
2.2 Panorama da velhice no Brasil	17
2.3 Projeções para o futuro	20
3. INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA NO BRASIL	23
3.1 Lar Santa Maria	27
4. O RELATO E A MEMÓRIA	30
4.1 O relato como movimento de proximidade com o interlocutor	32
4.2 As memórias em suas diferentes fases da vida	33
4.3 O gênero biográfico e suas características	35
5. PODCAST COMO FORMATO NARRATIVO	37
6. O PRODUTO	42
6.1 Vidas (in)Visíveis	46
6.2 Os episódios	47
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
ANEXO 1 - PAUTA 1	55
ANEXO 2 - PAUTA 2	56
ANEXO 3 - PAUTA 3	57
ANEXO 4 - PAUTA 4	58
ANEXO 5 - PAUTA 5	59
ANEXO 6 - Roteiro Episódio 1 - Esperança	60
ANEXO 7 - Roteiro Episódio 2 - Renascimento	66
ANEXO 8 - Roteiro Episódio 3 - Trabalho	72
ANEXO 9 - Episódio 4 - Acolhimento	77

1. INTRODUÇÃO

Os modos de vida de idosos moradores de lares comunitários por todo Brasil ainda é algo de pouco conhecimento da grande maioria da sociedade. Embora o olhar tenha se voltado para a população idosa com o início da pandemia da Covid-19, a grande maioria das notícias, reportagens e/ou abordagens encontradas em portais de notícias estiveram amplamente focadas nos impactos do vírus no dia a dia dos idosos não institucionalizados.

Para além do grupo institucionalizado, a velhice em si, quando raramente abordada em âmbitos midiáticos, reforça um lugar de estigma ao idoso que não segue um padrão estético ou cultural. Segundo pesquisa realizada por Machado (2020), analisando 2562 edições da revista *Veja* num recorte de 50 anos, foram publicadas 118 reportagens que tinham a velhice como tema principal. Destas, sua grande maioria teve como foco uma abordagem que tratou sobre beleza e estética. Sobre isso, o autor afirma:

Em face desse contexto assinalado por um narcisismo exacerbado e por um hedonismo crescente (LIPOVETSKY, 2005), os sinais e as marcas físicas da velhice convertem-se em estigmas (GOFFMAN, 2008) pelos quais os indivíduos passam a ser cobrados, repelidos, evitados. O corpo, então, deve ser diluído, não deve chamar a atenção pelas suas características negativas. Por outro lado, o imperativo da forma exige que o corpo seja exposto. “Fique nu”, ele diz. Mas reitera: “Para isso, seja belo, jovem e bronzeado”. (MACHADO, 2020, p. 177)

Esse aspecto soma-se a um movimento de invisibilização de moradores de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) pensando que quando expostas jornalisticamente, as abordagens sobre velhice, em sua grande maioria, são colocadas sob a perspectiva de idosos que moram sozinhos, que mantêm sua independência, ou que vivem com suas respectivas famílias.

Além disso, quando noticiadas, as ILPIs são, de maneira geral, referenciadas a partir de abordagens que reforçam os estigmas já recaídos sobre as instituições. Isso acontece, pois, quando mostradas à grande massa, as instituições são vistas por meio de “imagens de descaso na atenção aos idosos, principalmente, ao institucionalizado, da ineficiente fiscalização dos

órgãos públicos, de recursos financeiros insuficientes, da carência de ILPIs para abrigarem os idosos” (Acosta-Orjuela, 2002 *apud* Freitas, 2010, p. 65).

Tendo em vista esse aspecto, a principal motivação para a realização deste trabalho se deu a partir de pesquisas em meios comunicacionais de produtos que tratassem sobre a realidade diária da população institucionalizada no Brasil. Por conta da escassez de informações, produtos midiáticos e abordagens que tivessem o intuito de desinvisibilizar, reverter estigmas e conhecer uma realidade diferente das abordadas sobre este grupo.

Mesmo que o Brasil tenha uma crescente população acima dos 65 anos ao longo dos anos, ainda há certos aspectos relacionados à velhice que contribuem para a manutenção do estigma de que o idoso esteja numa fase de decaimento da vida, principalmente quando se pensa nos institucionalizados. Esta ideia já foi refutada por estudiosos, principalmente da área da gerontologia. Entretanto, uma visão estigmatizada para com os idosos moradores de ILPIs se mantém. Isso ocorre, inclusive, por muitas das vezes os institucionalizados serem pessoas de baixa renda e que necessitam estar sob os cuidados da instituição.

O presente trabalho, intitulado “Idosos em Lares Comunitários: Memórias, Afetos e Histórias”, se dá na perspectiva de que, por meio da criação do podcast Vidas (in)Visíveis, seja possível humanizar, aproximar e conectar o ouvinte com estes idosos, que, na maioria das vezes, são invisibilizados. O podcast, narrado majoritariamente por idosos moradores do Lar Santa Maria, localizado no município de Mariana, em Minas Gerais, traz por meio dos relatos, histórias de vida que precedem e também fazem parte do processo de institucionalização destas pessoas.

Vidas (in)Visíveis proporciona, por meio das próprias vozes dos institucionalizados, uma perspectiva diferente sobre a vida e as diferentes relações sociais dos moradores de ILPIs. Nos quatro episódios que constituem a série que narra a vida de idosos residentes no Lar Santa Maria, são abordadas diferentes perspectivas sobre momentos da vida de cada um dos cinco idosos entrevistados. Dessa forma, o projeto tem como objetivo principal a aproximação do ouvinte para com essas histórias de vida que vão muito além do dia a dia nas ILPIs.

2. VELHICE

A velhice, termo já discutido em diversos âmbitos, com diferentes nuances e contextos, é, segundo Machado (2020) a partir dos conceitos de Foucault (2007), um discurso que não apresenta um começo definido, mas desenrola-se ao decorrer de décadas, contemplando aspectos específicos, e que não apresenta um final definitivo. O autor afirma que:

Conceber a velhice como uma categoria homogênea e claramente definida acarretaria, inapelavelmente, um reducionismo atroz, que a limitaria aos seus estereótipos mais comuns e mais simplórios, que há tempos marcam o imaginário coletivo e que constituem as visões já cristalizadas acerca dessa etapa da vida. (MACHADO, 2020, p.23)

Tendo em vista esse aspecto, que categoriza o tema como uma discussão que continua em desenvolvimento, esse trabalho apenas priorizará certos pontos que cerceiam um entendimento em torno de uma discussão ampla.

Para entendermos, de certa forma, o conceito de velhice nos dias atuais é necessário olharmos um pouco para trás. Muito já foi discutido e construído para chegarmos às noções em torno dos termos usados hoje em dia. Pensando nisso, faz-se necessário, antes de iniciar uma contextualização do tema, pensar nos distintos modos de nomear e tratar essa fase da vida e a pessoa idosa. Ainda é comum que se faça um uso para os mesmos fins de expressões como velhice e terceira idade, segundo Luna Silva (2008):

Os termos – velhice e terceira idade –, a partir de sua construção, se diferenciam em diversos aspectos. São termos cuja formação é bastante específica e diferenciada, estando associados a momentos históricos, saberes médicos e sociais, movimentos políticos e interesses também distintos (SILVA, 2008, p.166).

A discussão acerca da velhice teve seu fortalecimento e sua base teórica de maneiras mais lapidadas a partir do fim do século XIX e do início do século XX, de acordo com Silva (2008). Segundo a autora, nesse período as discussões sobre o tema se ampliaram e se consolidaram por conta de uma maior estruturação e estabilidade das classes sociais e das

faixas etárias. Essa estabilidade, consolidada por consequência de modos de vida diferentes¹ dos que eram antes adotados pela sociedade ocidental impulsionou a discussão sobre a velhice, que começava a se constituir de forma mais clara como faixa etária. O surgimento da velhice acontece, então, por meio da fusão de pensamentos e hábitos que se consolidam a partir daí como, por exemplo: a construção de benefícios como as aposentadorias e a consolidação de classes sociais, em que o idoso começou a poder desfrutar de um momento de pausa nas atividades laborais.

Por meio das discussões sobre o tema, as principais características que divergem e auxiliam na construção das diferenças entre os termos velhice e terceira idade acontecem por meio de classificações produzidas pela geriatria, área médica que se dedica à saúde física do idoso. Além disso, há também as realizadas pela gerontologia, área multidisciplinar que busca a qualidade de vida dos idosos, para além da saúde física, com um recorte emocional e social.

A geriatria, segundo Silva (2008), surgiu por volta de 1910, com o trabalho do médico norte-americano Ignatz Nascher, o primeiro fisiologista a estabelecer as bases clínicas para a identificação da velhice. De início, os estudos se concentravam nos limites físicos do ser humano. Isto é, a geriatria tinha como definição a velhice como inaptidão e o decaimento do corpo com o passar do tempo. Dessa forma, por meio do pensamento de que o corpo iniciava por si só um estado de decadência que afetava todas as outras áreas sociais, como o trabalho, cresce, a partir daí, um estigma da maneira com que os idosos e a velhice eram vistos.

Rodrigues e Terra (2006) trazem no livro *Gerontologia Social para leigos*, a partir de uma contextualização sobre a velhice, uma citação de um escrito datado de 2.500 a.C, por Ptah-Othap, um egípcio que faz uma descrição sobre um idoso da época, e que se assemelha com as definições de velhice tratadas pela geriatria, ainda no seu início.

¹Segundo Hareven (1965) *apud* Silva (2008) no momento pré-revolução industrial crianças, adultos e idosos eram submetidos de forma indistinta a horários massivos de trabalho sem quase nenhum tipo de apoio nem de forma governamental e nem dos patrões.

Quão penoso é o fim de um ancião! Vai dia a dia enfraquecendo. A vista baixa, os ouvidos se tornam surdos, a força declina, o corpo não encontra repouso, a boca se torna silenciosa e já não fala (...) A velhice é a pior desgraça que pode acometer um homem. (PTAH-OTHAP *apud* RODRIGUES e TERRA, 2006, p.18)

Tendo como base os conceitos da geriatria sobre a velhice, surge então a gerontologia, que, por meio de estudos não só de médicos, mas de sociólogos, psicólogos e antropólogos, construiu uma base que pudesse olhar para além do saber da medicina sobre a velhice.

Além do corpo envelhecido, objeto da geriatria, os hábitos, as práticas, as necessidades sociais e psicológicas dos velhos seriam agora alvo de um saber especializado, que incluía novos aspectos em sua definição e tornava mais complexa a categoria velhice. (SILVA, 2008, p.159)

A gerontologia, de acordo com Silva (2008), se baseia em dois objetivos. O primeiro deles é justamente fazer uma divergência e uma crítica quanto à forma em que a geriatria até então tratava a velhice, fazendo assim um processo de desconstrução dos estigmas criados em torno do tema. Seguindo a teoria do construtivismo social, os gerontólogos passaram a advogar a desconstrução radical e o deslocamento das imagens negativas do envelhecimento, assim como a elaborar um imaginário positivo para a velhice, afirma Silva (2008, p.164).

Já o segundo objetivo diz respeito à produção de conhecimento por meio de bases teóricas que construíssem uma nova identidade para a velhice, diferente das já obtidas pela geriatria. Luna Silva (2008, p.164) afirma que se a identidade negativa da velhice é resultado de determinadas condições culturais, uma outra pode ser ativamente construída uma vez desfeita a antiga imagem da velhice.

Tendo em vista as discussões levantadas pela autora, a ideia dos gerontólogos foi de construir discussões seguindo conceitos que conseguissem compreender aspectos relacionados ao tema de forma diferente da noção tradicional e estática – que não considera fatores sociais e psicológicos do idoso – realizada pela geriatria.

2.1 O surgimento da terceira idade

Por conta de mudanças nos conceitos relacionados ao envelhecimento, do passar do tempo, da atuação da gerontologia, dos modos de vida, além de, principalmente, iniciar-se um acúmulo de renda por parte das pessoas idosas de classe média por meio dos bancos de aposentadoria, as ideias sobre velhice começaram a ser remodeladas, passando a ter ampla aceitação o termo terceira idade.

O entrelaçamento desses diversos fatores, especialmente a especialização dos agentes de gestão envolvidos na organização das aposentadorias, o discurso engajado da gerontologia social e os interesses e as características da cultura do consumo parecem ter contribuído de forma decisiva para o aparecimento da noção de terceira idade (SILVA, 2008, p.166).

Para se entender a criação do termo terceira idade é necessária uma análise do contexto em que ele emerge. Datado, de acordo com Lenoir² (*apud* SILVA 2008), entre 1945 e 1960 na França, o aparecimento das aposentadorias foi um fato culminante no surgimento da terceira idade.

Com a nova forma de obtenção de renda institucionalizada na maioria dos países do mundo, pessoas que anteriormente não tinham acesso a outros meios de subsistência, a não ser o próprio grupo familiar, puderam se basear economicamente na aposentadoria. A partir disso, Silva (2008)³ afirma que os anos 1960 e 1970 fizeram com que a velhice tivesse uma visibilidade maior. Impulsionados pela lógica capitalista, a visibilidade e sensibilidade colocadas nos idosos se deram por conta da inserção desse grupo no universo do consumo, o que antes não acontecia.

A ideia de velhice, que antes era baseada na invalidez física, agora muda o tom definitivamente, fazendo até com que as nomenclaturas utilizadas para categorizar a velhice fossem alteradas.

O termo velho passou a ser trocado por idoso, inclusive em documentos oficiais. A partir de 1960, no Brasil, iniciou-se sua desutilização, isso porque, na maioria das vezes, a

² LENOIR, Remi. L'invention du 'troisième âge' et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, Paris, n.26-27, p.57-83. mars-avr. 1979

³ Ao referenciar Groisman (1999) e Debert (1999) em seu artigo.

palavra velho vinha como um estereótipo de uma fase ligada à invalidez e, a partir daí, aos pobres e aos que não tinham poder econômico que os fizessem estar inseridos no consumo. Segundo Peixoto:

As ambigüidades próprias à nossa realidade fizeram com que certas imagens ganhassem sentidos mais sutis, tanto que o termo ‘velho’ parece se manter e é comumente utilizado para designar pessoas velhas de classes populares, enquanto ‘idoso’, mais respeitoso, é utilizado para aqueles de camadas médias e superiores. (PEIXOTO⁴ *apud* SILVA, 2008, p.163).

Assim, a ideia da terceira idade se consolida fortemente com base nas culturas de consumo das quais os idosos passam a fazer parte. Com isso, o capitalismo também se moldou, fazendo com que a partir desses movimentos de obtenção de renda, fossem criados, clubes de lazer, grupos de convivência, férias especiais, entre outros.

Silva (2008) afirma, dessa forma, que as pessoas que à época estavam acima dos cinquenta anos se tornaram um ponto central do marketing e das lógicas de consumo, pois passaram a ser reconhecidos como grupo que dispunha de recursos financeiros e que não tinha vínculos com hábitos de consumo já específicos.

2.2 Panorama da velhice no Brasil

Realizada pela Fundação Perseu Abramo, juntamente com o SESC de São Paulo, a pesquisa “Idosos no Brasil II: Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade” constrói um panorama, com base na opinião pública, sobre a realidade da população idosa no país.

O levantamento mais atual, realizado com 2369 idosos acima de 60 anos em 2020, trouxe um olhar tanto da população entre 16 e 59 anos⁵, quanto de brasileiros acima de 60 anos para com questões que cercam a velhice no país. A partir do trabalho realizado pela instituição, é possível criar uma visão ampla sobre o perfil do idoso brasileiro nos últimos anos, abrangendo aspectos relacionados à saúde, trabalho, educação e lazer. Além disso, o

⁴ PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade... In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV. p.69-84. 1998.

⁵ Este trabalho irá abordar apenas as respostas dos 2369 representantes da população acima de 60 anos entrevistados pela pesquisa.

levantamento também aborda o perfil sociodemográfico da velhice no Brasil, abarcando inclusive, um estudo sobre identidade e autoimagem da população idosa.

Entre os dados obtidos pela pesquisa, a Fundação Perseu Abramo apresentou que 64% dos entrevistados, e que possuem mais de 60 anos, frequentaram a escola até o ensino fundamental, enquanto 15% concluíram o ensino médio, e apenas 8% possuem ensino superior.

Relacionando esses dados com a realidade econômica dos idosos brasileiros, foi possível apurar, também, que 44% da população idosa vive com menos de 2 salários mínimos, com uma renda média de R\$ 1.765,79 mensais. Esse valor, segundo a pesquisa, tem como principal provedor, o benefício da aposentadoria. Em contrapartida à maior parte da população, apenas 7% dos entrevistados possuem renda superior a 5,5 salários mensais.

Com base nos dados financeiros, a necessidade do uso de serviços públicos também é diretamente influenciada. Em questões de saúde, somam 79% os que afirmaram utilizar o SUS como sistema médico de referência, em contrapartida com 10% dos que utilizam o sistema privado de saúde.

Ainda tendo em vista a realidade econômico-financeira da população idosa é possível vislumbrar uma projeção da realidade trabalhista desse grupo. Os números mais expressivos mostram que 80% das mulheres brasileiras, acima dos 60 anos, não trabalham mais. Por outro lado, 25% dos entrevistados, em sua maioria homens, continuam trabalhando mesmo após atingirem a idade mínima para a aposentadoria. Destes, 25% que permanecem ativos no mercado de trabalho, 11% já são aposentados, mas continuam exercendo atividade remunerada, sendo a maioria – 15% dos entrevistados – no mercado informal.

Analisando também as questões raciais que constituem o grupo idoso, em 2020 a maioria dos brasileiros acima dos 60 anos se autodeclararam como pardos, com 43% das respostas. Enquanto isso, brancos, pretos, amarelos e indígenas correspondem a 36%, 15%, 2% e 1%, respectivamente.

Pensando sobre os aspectos sociais que permeiam a vida dos idosos no Brasil, outro dado expressivo na pesquisa se mostra relevante. O levantamento traz que 95% dos entrevistados se consideram religiosos. Entre eles, 63% praticam a religião católica, 26% a evangélica, 3% a espírita kardecista, 2% o candomblé, 1% a umbanda e 2% afirmaram praticar outra doutrina. Além disso, 1% considerou-se ateu e 7% citaram acreditar em Deus, mas não serem praticantes de religiões.

Sobre a velhice em si, os entrevistados pela Fundação Perseu Abramo afirmaram que, nessa fase da vida, há diversos pontos positivos e negativos. Entre as respostas, empatam com 35% cada um, os que afirmam que durante a velhice há mais coisas boas do que ruins, e vice-versa. Os que disseram que na velhice há tanto coisas boas quanto coisas ruins somam 24%.

Questionadas, 59% das entrevistadas mulheres entre 60 e 69 anos afirmam não se sentirem idosas. Entre os homens a porcentagem muda para 64%. A partir dos 70 anos, a percepção se diferencia e a maioria, entre homens e mulheres, afirmam se sentir idosos, com 48% e 53%, respectivamente.

Ainda sobre o tema, 41% da população abordada pela pesquisa afirmou que em comparação com 20/30 anos atrás os aspectos que rondam a velhice no Brasil pioraram com o decorrer do tempo. Para 39%, as coisas melhoraram e, para 13%, as coisas continuam iguais.

O levantamento realizado também questionou pontos relativos à moradia e à vida familiar do grupo. Entre os pesquisados, sete em cada dez idosos afirmaram serem os principais responsáveis pelo domicílio, sendo eles 63% homens e 43% mulheres. Ainda sobre o assunto, dois dados se destacaram quando questionados sobre as pessoas que dividem residência com os idosos. Entre os homens, 68% disseram morar com o cônjuge, enquanto entre as mulheres, 34% afirmaram dividir a residência com netos.

Ainda pensando no aspecto da moradia, a percepção de idosos sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) também se mostrou relevante na pesquisa. A Fundação Perseu Abramo afirma que:

Ambos os públicos concordam que “as boas são muito caras”, “tem horário para tudo e o idoso perde sua independência”, “tem profissionais adequados para cuidar dos idosos”, e existe uma maior associação por parte dos idosos para ideias como “perde o contato com a família e os amigos, as pessoas o esquecem”, “deixa de ser um incômodo para a família”, e “depois que o idoso entra nunca mais sai”. (PERSEU ABRAMO, 2020, p,20)

Dessa maneira, tendo em vista os dados analisados pela pesquisa é possível visualizar um pouco da realidade dos idosos no país. Com base nesse panorama, é importante que aspectos que influenciam tanto na manutenção da velhice no Brasil, quanto na criação de

políticas públicas que trabalhem de forma efetiva para qualidade de vida do grupo sejam ainda mais discutidos.

2.3 Projeções para o futuro

Segundo Folha Informativa publicada⁶ em 2018 pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), vinculada à Organização Mundial de Saúde (OMS), num recorte de 35 anos, entre 2015 e 2050, a população mundial considerada idosa, ou seja, com mais de 60 anos, dobrará de 12% para 22%. Em comparação com esse dado, a organização, ainda em 2018, também afirmava que já no ano de 2020 a população com mais de 60 anos seria maior que a população de crianças com menos de 5 anos.

Há indicativos de que a projeção tende a se confirmar no Brasil. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio de uma aplicação em seu site⁷, calcula a proporção média do tamanho da população até o ano de 2060. Com base nas projeções do instituto, em 2021 as pessoas com mais de 60 anos representam 14,04% do total da população do país, que conta neste momento com um pouco mais de 210 milhões de habitantes. As crianças abaixo de 5 anos de idade, por sua vez, somaram cerca de 7% do total da população no mesmo período, o que mostra tendência de ampliação no número de idosos em comparação com o de crianças no futuro.

Na projeção feita para 2060, por exemplo, o IBGE mostra que pessoas acima dos 65 anos somarão cerca de 25,15% da população brasileira. Em contrapartida a esse dado, 14,54% da população será de crianças até 14 anos. Tal projeção liga-se com as médias indicadas pela OPAS e indica um envelhecimento populacional massivo, o que é esperado por diversos países.

Tal quadro é, por um lado, afetado pela diminuição da taxa de natalidade e, por outro, pelo aumento da expectativa de vida, tanto no Brasil quanto no mundo. Segundo Nasri (2008), comumente imagina-se que o envelhecimento populacional tem um impacto maior

⁶ OPAS. Folha informativa – Envelhecimento e Saúde. Banco de Notícias, Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) / Organização Mundial da Saúde (OMS). Última atualização: 2/2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5661:folha-informativa-envelhecimento-e-saude&Itemid=820. Acesso em 4 de abril de 2021.

⁷ Disponível em https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_piramideplay.php?ag=53. Acesso em 4 de abril de 2021.

por conta da queda dos índices de mortalidade. Entretanto, o autor afirma que a queda na taxa de natalidade tem um impacto maior nas taxas de envelhecimento populacional.

Uma população torna-se mais idosa à medida que aumenta a proporção de indivíduos idosos e diminui a proporção de indivíduos mais jovens, ou seja, para que uma determinada população envelheça, é necessário haver também uma menor taxa de fecundidade. (NASRI, 2008, p.54)

Tendo em vista este ponto, se faz necessária uma análise mais atenta para os motivos que acarretam a diminuição das taxas de natalidade, principalmente no Brasil. Entre os principais fatores citados por pesquisadores, que têm ligação direta com o aumento da expectativa de vida, e logo, com o decaimento da taxa de natalidade estão os novos modos de vida adotados, impulsionados pela aposentadoria, como por exemplo, a procura por lazer, esportes e qualidade de vida. Um dos pontos que também têm reflexo no índice são as tecnologias ligadas à medicina, com tratamentos e medicamentos que auxiliam em doenças antes pouco tratadas.

Segundo dados publicados pelo IBGE⁸, em 1940 a taxa de fecundidade no Brasil era de 6,16%. Já em 2015, caiu para 1,72%, deixando mais explícita a diferença de hábitos, principalmente com relação ao número de filhos, comparando-se as primeiras décadas do século passado com o início do século XXI.

Um dos fatores que contribuíram fortemente na queda dos índices de natalidade e de fecundidade no fim do século XX foram as novas organizações familiares, ligado principalmente com a saída da mulher exclusivamente do papel de dona de casa. Segundo Simões (2011), as organizações familiares, até o início do século XX, se baseavam em um papel da mulher restrito à condição de cuidadora da família⁹.

⁸ Disponível em <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP263>. Acesso em 4 de abril de 2021.

⁹ Bento (1995) lembra que muitos dos conceitos sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho não fazem um recorte racial e social, visto que mulheres negras sempre estiveram ligadas ao trabalho e à ajuda na manutenção econômica das casas desde a abolição da escravatura. A autora cita também que, ao tratar dos recortes sociais do mercado de trabalho, há ainda um imaginário marcado – e racista – sobre o lugar da mulher negra nas funções em que atua. Conforme Bento (1995), também são exigidos atributos “estéticos” – como a cor e a textura dos cabelos – para determinados tipos de vagas, dessa forma, reservando-as a mulheres brancas.

Tal configuração familiar era pautada por uma clara e rígida divisão de trabalho com papéis sociais e culturalmente estabelecidos; o pai como o único provedor e o responsável por desbravar o mundo e a mãe como a única responsável pelas tarefas domésticas e pelas necessidades da prole. (SIMÕES, 2011, p.7)

Além dessa perspectiva, aspectos que envolvem mudanças sociais, econômicas e culturais refletem diretamente na taxa de natalidade. Entre essas mudanças, por exemplo, podem ser somadas crises financeiras que atingem países e que afetam diretamente no custo de vida da população. Outro fator relevante é que muitas famílias consideram os custos de ter e criar filhos, o que se soma à falta de desejo de muitas pessoas em serem pais e mães, tornando-se assim, mais um fator que impulsiona a baixa taxa de natalidade, tanto no país quanto no restante do mundo.

Logo, com base nas constatações e nos dados disponíveis, é possível concluir que esse ritmo de queda nas taxas de natalidade mostra uma perspectiva sobre o futuro: seremos um planeta com uma grande população idosa, e ainda temos tempo de pensar em formas de se ter qualidade de vida nessa etapa da vida.

3. INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA NO BRASIL

O termo Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) foi idealizado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e começou a ser utilizado no Brasil em 2005, após a publicação, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), da Resolução de Diretoria Colegiada - RDC Nº 283. O termo foi criado devido ao grande estigma que recai sobre os outros termos associados aos locais de acolhimento de idosos popularmente conhecidos como asilos ou casas de repouso, as ILPIs são locais que recebem, acolhem e prestam serviços contínuos à população idosa.

A socióloga Guita Debert (2004, p.136) em seus escritos sobre as instituições afirma: “Asilo é um termo carregado de estereótipos negativos. Lar dos Velhinhos, Jardim ou Casa de Repouso são expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória, presente na palavra asilo.”

Historicamente, tanto no Brasil quanto em outros países, essas instituições têm ligação direta aos serviços de filantropia e de atenção à população carente, principalmente por instituições religiosas. De acordo com Fagundes *et. al.* (2015), as instituições de acolhimento surgiram ainda no século VI, entre os anos de 520 e 590, a partir da criação de um hospital para pessoas idosas pelo Papa Pelágio II, líder da igreja católica na época.

Entretanto, por muito tempo as instituições de acolhimento para pessoas idosas foram utilizadas como formas de exclusão social de indivíduos, tendo como principais usuários pessoas acometidas por doenças, que não tinham condições econômicas, ou por serem abandonados pelas famílias.

As primeiras instituições já foram elaboradas pautando-se na assistência, na formação espiritual e também na exclusão social, uma vez que a criação das instituições respondia ainda a uma necessidade da época, na tentativa de solucionar a problemática da mendicância, da pobreza e das doenças. (FAGUNDES *et al.*, 2015, p.212).

Voltando à história das instituições, segundo Lima (2005 *apud* MERCADANTE e COSTA, 2013), o primeiro local de atenção ao idoso no Brasil foi criado pelo Conde de Resende, no Rio de Janeiro em 1790, destinado a acolher de modo exclusivo soldados de guerra idosos e proporcionar-lhes uma velhice tranquila. Já para a população em geral, de

acordo com Groisman (1999), em 1890 surge também no Rio de Janeiro o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada.

O Asilo foi criado por um homem de negócios da época e teve auxílio público e também da ordem de freiras franciscanas, que cediam cuidadoras para os idosos. Dessa forma, com os apoios crescendo, a demanda de acolhimento também cresceu, ampliando rapidamente a atuação da entidade. Desde então, as instituições foram se desenvolvendo e se adaptando às épocas e aos novos desafios encontrados.

Atualmente, de acordo com a definição feita pela Resolução nº. 283 da ANVISA (2005), as Instituições de Longa Permanência podem ser tanto governamentais quanto não governamentais. Além disso, a agência define as ILPIs como de caráter residencial, exclusivo para pessoas acima dos 60 anos, e podem ter, ou não, suporte familiar.

Ainda segundo a resolução, algumas condições são necessárias para a manutenção e a continuidade dos serviços nas instituições. Entre elas, é possível destacar a obrigatoriedade das ILPIs propiciarem o exercício dos direitos humanos para os residentes, garantindo condições de liberdade, dignidade e cidadania, e também o acesso aos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais dos seus residentes.

Entretanto, o processo de institucionalização dos idosos, por vezes, pode ser doloroso e traumático, visto que eles acabam perdendo sua própria individualidade e são obrigados a se enquadrarem em um conjunto de regras e normas de conduta, além de rotinas diferentes das suas, impostas pela instituição em seus modos próprios de organização do local. Entretanto, Debert (2004) afirma que essas instituições, quando pensadas na contemporaneidade, não utilizam um formato de exclusão e cerceamento social, anteriormente e historicamente dado. A autora argumenta que, por vezes, é possível que haja a flexibilização da obrigatoriedade da participação de atividades realizadas em grupo, por exemplo. Segundo Debert:

Nas atividades programadas a participação é mais maleável do que nas prisões, manicômios ou conventos, mas a rigidez dos horários das refeições restringe a maleabilidade possível. O planejamento, visando atender aos objetivos da instituição, permite arranjos individuais distintos em função do nível de independência funcional. (DEBERT, 2004, p.107)

Para além da rigidez de regras, que na maioria das vezes, aparece como fator de desconforto e privação de liberdade, na opinião dos idosos – inclusive os entrevistados por este trabalho –, outras características do processo de institucionalização ampliam o sofrimento e o sentimento de despertencimento dos idosos.

Segundo a Constituição Federal no § 1º do seu artigo 230, e também pelo Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03), é obrigação da família a manutenção da qualidade de vida e dos cuidados da pessoa idosa. Entretanto, mesmo juridicamente sendo obrigadas a dar uma vida digna aos seus idosos, muitas famílias optam por encaminhar seus idosos para instituições, algumas dando suporte financeiro e fazendo visitas, outras apenas os deixando aos cuidados da instituição.

Pensando nas características dos processos de entrada dos idosos nas ILPIs, Fagundes *et. al.* (2015) alegam que também existem fatores que determinam a institucionalização dos idosos de forma compulsiva, ou seja, contra suas vontades. Quando pensada a institucionalização compulsória, algumas causas e/ou fatos na história de vida dos idosos podem ser determinantes para a inserção em ILPIs. Entre os fatos comumente encontrados, estão a viuvez, falta de cuidador domiciliar, aposentadoria com rendimento baixo, suporte social precário, aumento de gastos com saúde, estágios terminais de doença e alto grau de dependência física.

Em casos deste tipo, na maioria das vezes o indivíduo institucionalizado acaba não aceitando a situação. Debert (2004) sobre essas situações afirma que:

Para alguns homens a permanência no asilo é temporária, consequência de uma situação financeira difícil ou de uma doença que exige tratamento cuidadoso por um período determinado. São comuns, entre eles, os projetos de abandonar o asilo. As justificativas mais frequentes aludem à retomada de um contrato de trabalho, interrompido por razões de saúde, mas que pode ser refeito com o restabelecimento físico, ou a um casamento com funcionárias ou residentes no asilo, capaz de propiciar uma autonomia funcional ou financeira do casal. (DEBERT, 2004, p.116)

Durante as entrevistas realizadas no Lar Santa Maria para a produção do podcast *Vidas (in)Visíveis*, situações como as discutidas pela autora também aconteceram. Em três dos cinco relatos colhidos, os idosos afirmaram que não continuariam na instituição, e estavam apenas passando um tempo, enquanto suas vidas se reestabeleciam. Porém, em todas as situações, a saída do Lar é inviável e, mesmo com a ciência dos fatos – alguns até em âmbito judicial –, idosos mantêm uma esperança de reconstrução de suas vidas fora da instituição.

Ainda segundo Debert (2004), os casos de institucionalização compulsória não são os únicos. Há também situações em que os próprios indivíduos aceitam e autorizam seus processos de entrada nos lares comunitários. Debert (2004, p. 108) afirma que há casos em que “A entrada no asilo é apresentada como uma decisão tomada livremente pelo residente, com o objetivo de manter a independência e a autonomia que poderia vir a ser ameaçada.”. Além disso, segundo a autora (p.111): “Para os residentes, falar de sua vinda para a instituição é mostrar que sua independência está garantida.”.

Tal fato também pôde ser visualizado nos relatos obtidos por meio das entrevistas. Entre os idosos, duas das entrevistadas se mostraram conformadas com a institucionalização, e sem pretensões de retornarem a suas antigas vivências, fora do lar.

Entretanto, mesmo com a conformidade, Goffman¹⁰ (*apud* FAGUNDES *et. al.*, 2015) afirma que tal mudança de hábitos e transformação no âmbito social desencadeia, inicialmente, uma “mortificação do eu”, que suprime tanto a concepção de si mesmo quanto da cultura que traz consigo, originárias de sua vida familiar e suas relações na sociedade.

Dentro das ILPIs, para além dos traumas estabelecidos por conta do cerceamento de liberdades, a relação com um número grande de pessoas pode acabar se tornando mais um problema para os institucionalizados. Em casos em que o morador vivia anteriormente sozinho, ou com a família, a partir do momento em que começam a viver diariamente com um número elevado de pessoas, problemas de convívio com outros residentes e com funcionários podem acontecer. Sobre isso, Debert (2004) afirma que:

¹⁰ Goffman Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 7a ed, São Paulo: Editora Perspectiva; 2001.

Obviamente, outras insuficiências são apontadas por alguns residentes como, por exemplo, o desleixo de um ou outro funcionário e a má qualidade da comida. Mas pode-se dizer que há unanimidade, entre eles, em afirmar que são os outros residentes as pessoas infantis, ignorantes, mal-educadas, grosseiras e agressivas, o mal da vida no asilo. (DEBERT, 2004, p.117)

Tendo em vista todos os aspectos que rodeiam os processos de institucionalização, é necessário entender as dores, angústias e a forma como os idosos lidaram e continuam a lidar com a vida das Instituições de Longa Permanência no Brasil. Por meio dos relatos, organizados e publicados pelo podcast *Vidas (in)Visíveis* é possível visualizar, mesmo que de formas individuais, as mudanças tanto sociais, quanto psicológicas nos idosos institucionalizados. Fagundes *et. al.* (2015, p. 214) afirmam que a partir dos relatos, significados dos processos podem se tornar claros: “As falas dessa pessoa idosa encontram-se impregnadas de valores e experiências adquiridas ao longo da vida de cada um e são eles que determinam profundamente sua maneira de perceber e entender os significantes ao seu redor.”.

3.1 Lar Santa Maria

O Lar Comunitário Santa Maria foi fundado em 8 de dezembro de 1992 no município de Mariana. O Lar é uma das ações realizadas pelas Obras Sociais de Auxílio à Infância e à Maternidade Monsenhor Horta. Segundo informações disponíveis no site da entidade¹¹, a instituição é uma sociedade civil de direito privado, regida por estatuto e que goza dos títulos de utilidade pública dos governos federal, estadual e municipal e de filantropia concedido no ano de 1974. A entidade foi fundada pelo sacerdote católico Monsenhor Vicente Dilácio, em 1959, e até hoje mantém suas atividades na cidade de Mariana e na região dos Inconfidentes.

Atualmente o Lar Santa Maria é mantido financeiramente por uma parceria entre o poder executivo do município de Mariana e as Obras Sociais Monsenhor Horta. Além disso, a instituição também recebe doações financeiras e de materiais por parte de pessoas físicas e jurídicas.

¹¹ Disponível em <http://www.osmh.org.br/>. Acesso em 30 de dezembro de 2021.

O Lar abriga, em 2021, 56 homens e mulheres de diferentes idades, naturalidades, condições sociais e circunstâncias prévias que desencadearam a institucionalização. A instituição conta com 44 funcionários de diferentes áreas, entre eles, profissionais contratados pela própria entidade e também pela Prefeitura de Mariana. Para além dos trabalhadores contratados, há também voluntários que auxiliam nos serviços prestados pela instituição.

De acordo com a direção da ILPI, para a institucionalização de um novo morador, a coordenação do Lar realiza um estudo socioeconômico, com a finalidade de analisar as condições financeiras, psicológicas, físicas e de vivência social junto ao núcleo familiar do idoso. Além disso, no estudo também são avaliadas a capacidade de interação em comunidade e as condições de vulnerabilidade do idoso.

Segundo a coordenação, antes do acolhimento, a instituição também realiza uma avaliação que determina o grau de dependência dos novos internos, enquadrando-os dessa forma nas classificações regulamentadas pela ANVISA na resolução nº 283 de 2005¹². Com a avaliação, os profissionais da instituição também acompanham, após o acolhimento, a evolução dos quadros junto ao serviço de geriatria.

O espaço disponibiliza para os idosos, além da moradia, alimentação preparada e observada individualmente para cada interno, prezando as necessidades nutricionais e de dieta de cada um. Diariamente, há também cuidados de higiene pessoal dos idosos, que consistem em banhos, troca de fraldas dos moradores que necessitam do cuidado. A instituição também oferece aos moradores, segundo a coordenação, serviços de manicure e barbearia, visando prezar a manutenção da autoestima dos idosos.

Já entre os serviços prestados com relação à saúde, o Lar Santa Maria proporciona aos idosos institucionalizados atendimentos de fisioterapia, terapia ocupacional, acompanhamento nutricional e medicina geriátrica. Para além disso, ainda há assistência espiritual, a manutenção predial nos espaços do Lar, e trabalhos voluntários que oferecem

¹² A regulamentação da ANVISA classifica como grau de dependência aspectos físicos, de saúde e sociais dos idosos. De acordo com a resolução, os graus de dependência variam entre I e III, e indivíduo autônomo. O grau I refere-se aos idosos independentes, mesmo que requeiram o uso de equipamentos de auto-ajuda. Já o grau II refere-se aos idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada. E o grau III delimita-se a idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e/ou com comprometimento cognitivo. Os idosos independentes são aqueles que detêm poder decisório e controle sobre a sua vida.

oficinas de costura e ações que auxiliam na locomoção dos idosos em exercícios físicos como caminhadas e momentos de lazer com contadora de estórias.

O contato com a instituição para a parceria durante a produção dos materiais relativos a este trabalho começou ainda em 2019, quando o Lar aceitou e pavimentou uma via de mão dupla na produção dos trabalhos. A direção do Lar Santa Maria, por meio da coordenadora Isimar Linares, auxiliou em todas as gravações dos relatos contidos nos episódios do podcast Vidas (in)Visíveis, totalmente produzido de forma remota. Além disso, a coordenadora da instituição foi a responsável pela abordagem aos idosos e a consulta de suas disponibilidades para as conversas.

4. O RELATO E A MEMÓRIA

Ao tratar da memória e sua presença latente nos relatos que serão obtidos por meio das entrevistas com os idosos do Lar Santa Maria, é necessário ter em vista, primeiramente, os conceitos que rondam estes lugares de acesso tão individualizados. Na segunda metade do século XX, o sociólogo francês Maurice Halbwachs estabeleceu em seu livro *Memória Coletiva* alguns aspectos que cercam a conceituação em torno da memória e suas diferentes abordagens. Halbwachs (1990) constrói uma argumentação baseada em dois tipos de memória que convergem, sendo elas as memórias coletivas e as individuais.

Resumidamente, para Halbwachs, a memória coletiva consiste em fatos e acontecimentos lembrados de forma similar ou complementar por um grupo social, enquanto a individual é um processo que depende da memória de um grupo. Segundo reflexão de Giuslane da Silva (2016) acerca dos escritos de Halbwachs

Esta por sua vez, pode ser entendida como um ponto de vista sobre a memória coletiva, ponto de vista este, que pode sofrer alterações de acordo com o lugar que ocupamos em determinado grupo, assim como também está condicionado às relações que mantemos com outros ambientes. (SILVA, 2016, p.248)

Para além da conceituação de memória realizada por Halbwachs, a autora argentina Beatriz Sarlo (2007, p.9) afirma que a memória pode ser categorizada como um retorno ao passado que nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente. Isto é, para a autora a memória é uma forma de lembrança, no presente, de fatos ocorridos no passado.

Tendo em vista este conceito de Sarlo (2007), os relatos dos entrevistados pelo produto que é o resultado deste trabalho de conclusão de curso serão uma lembrança presente de suas vivências no passado. Com base nesse aspecto, é necessário entender previamente que, para um idoso institucionalizado, alguns traumas e algumas situações que foram vivenciadas durante o decorrer da vida podem ser facilmente remodeladas para o tempo presente do relato. Isso pode ocorrer por diversos motivos, sendo um deles, a construção de um relato de forma a se apegar apenas a momentos que não os levem diretamente a traumas

personais, ou situações nos quais possam deixá-los com um sentimento de culpa ou de remorso.

Visto que o presente trabalho não é um projeto preso jornalisticamente aos fatos ocorridos nas vidas desses idosos, esse remodelamento dos acontecimentos não se torna um problema. Sobre essa forma de se relatar – sem o acompanhamento de um rigoroso processo de investigação e de checagem de informações –, Sarlo (2007, p.19) afirma que a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou reparar uma identidade machucada.

Ainda sobre o processo de checagem dos fatos, Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, ao tratar das memórias de pessoas idosas, ainda que não institucionalizadas, cita que mesmo com algumas situações podendo não ser totalmente fidedignas aos fatos reais, não há nenhum interesse de se estabelecer uma checagem de informações e muito menos de um confronto das lembranças relatadas com o que realmente possa ter acontecido, caso haja alguma diferença. Bosi (1994) afirma:

“A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (BOSI, 1994, p.37)

Neste trabalho, também, apenas será de interesse o que foi lembrado pelos entrevistados, tendo como base e como guia os relatos utilizados para construção do panorama de uma vida que vem desde antes do processo de institucionalização, até os momentos atuais da vivência de cada um.

Ao fazer isso, podemos afirmar que o trabalho retoma, em alguns aspectos e características, uma forma de se construir uma espécie de autobiografia, em que o sujeito interlocutor toma para si o ato de narrar sua própria história de vida, sem contestações externas e validado por um “pacto autobiográfico”, como o discutido por Lejeune (2008). O autor, em seus escritos sobre os desafios da autobiografia afirma que:

Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento (...) A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros). (LEJEUNE, 2008, p. 104)

4.1 O relato como movimento de proximidade com o interlocutor

O ato de relatar uma lembrança é uma maneira de se adentrar ao espaço da memória e fazer com que situações dos mais diversos âmbitos da vida sejam reavivadas. O ato de se falar sobre a vida, principalmente pensando nos idosos institucionalizados, é uma forma de se ressignificarem nos espaços de preconceitos e de estigmatizações no qual acabaram sendo colocados contra a própria vontade. Sobre isso, Sarlo (2007, p.39) afirma que “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido, e ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memórias seriam uma “cura” da alienação e da coisificação.”

Como já dito anteriormente, o espaço do Lar de Idosos, popularmente conhecido como asilo, carrega diversos estigmas devido, principalmente, aos processos históricos que antecederam suas atuais regulamentações e regimentos. Por meio do podcast *Vidas (in)Visíveis*, o trabalho procura contribuir tanto em um processo de desconstrução dos preconceitos para com o idoso institucionalizado, quanto para com o ambiente do Lar Comunitário.

O conteúdo dos relatos, que preza principalmente por momentos que antecedem o processo de institucionalização, tem como alguns de seus objetivos criar uma proximidade ante o morador da instituição, como também desconstruir um olhar estigmatizado sobre estes moradores, num processo de ressignificação de definições comumente pré-concebidas.

Escutar histórias de vidas como todas as outras – em que há amores, felicidades, tristezas, erros, acertos e todas as experiências e sentimentos que nos cercam diariamente – constrói, mesmo que inconscientemente, uma nova perspectiva ao olharmos para os idosos. Esse processo de ressignificação do sujeito, por meio de sua própria voz, se torna uma forma de reafirmação dos indivíduos como donos de suas próprias histórias. Esse aspecto do trabalho tende a promover um movimento contrário ao senso comum, em que os idosos

institucionalizados são entendidos por algumas pessoas como apenas parte de uma instituição, sem suas individualidades e sua vida anterior ao processo de institucionalização.

Com relação a essa ressignificação dos sujeitos perante um olhar preconceituoso da sociedade, Debert (2004) afirma que a memória e a história devem ser repassadas, fazendo assim, um movimento de troca entre gerações:

A memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida às gerações mais jovens. Por princípio, portanto, sendo portador dessa memória, cada idoso deve ter sua respeitabilidade recuperada e garantida diante dos mais jovens e dos que estão na mesma faixa etária. (DEBERT, 2004, p.101)

Pensando nisso, o trabalho, por meio dos relatos, promove um reavivamento e a ampliação dessas memórias, fazendo com que, mesmo que de formas não tão palpáveis, estes idosos possam voltar a serem visíveis à sociedade como sujeitos de vidas ativas.

4.2 As memória em suas diferentes fases da vida

Em um relato, as memórias externalizadas pelos interlocutores tendem a seguir um processo quase que cronológico, passando da infância até os dias atuais. Bosi (1994) nos faz refletir que esse processo ocorre por conta de uma divisão do tempo definida pelo entendimento do indivíduo como sujeito. Além disso, essa divisão pode ser marcada por fatos que constroem o próprio entendimento como ator social, ainda de acordo com Bosi (1994, p. 417), como, por exemplo, o primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento, entre outras situações.

Segundo a autora, os relatos também podem – e provavelmente irão – mudar de pessoa para pessoa, segundo as experiências em cada fase da vida. Bosi (1994) afirma:

“O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório. Em meios diferentes ele não corre na mesma exatidão (...) o tempo do comprador não é o do flanelador de ruas. Nem o tempo da visita íntima é o tempo da visita de cerimônia.” (BOSI, 1994, p.418)

Com base na reflexão e nas entrevistas realizadas por este projeto, essa lógica segue em concordância com os relatos obtidos. Cada idoso entrevistado projetou sua história de

vida com foco em uma fase específica, na qual se sentiu mais à vontade e mais propenso a relatar os fatos vivenciados.

Alguns discorrem por minutos sobre suas vidas amorosas e como isso impactou sua existência, outros sobre como passaram sua infância e sua juventude e como atualmente sentem falta desses momentos.

O conteúdo dos relatos também é refletido no contexto do qual tendem a ser extraídos. A análise de Silva (2016), pensando sobre o conceito de memória individual de Halbwachs (1990), também evidencia que todo indivíduo que coloca em prática o processo de rememoração está inserido em um ou mais grupos sociais. Logo, suas referências e suas memórias serão constituídas por meio de um ponto de vista individual sobre a memória coletiva dos grupos.

Ecléa Bosi (1994) classifica que os espaços nos quais os entrevistados estão inseridos são um ponto crucial para a força e para o conteúdo dos depoimentos. Ela afirma que:

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. (Bosi, 1994, p.413)

Neste sentido, os relatos coletados na realização do projeto apresentam aspectos em comum, entre eles, o foco dos depoimentos nas fases da vida anteriores à institucionalização. Na maioria dos testemunhos, os idosos acabaram utilizando a maior parte do tempo da entrevista para contar histórias e falar de momentos que se passaram antes do processo de institucionalização e da moradia no Lar Santa Maria.

Bosi (1994) afirma que em relatos, os interlocutores tendem a falar mais sobre suas infâncias e juventudes. Segundo a autora:

A infância é larga e quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação que nossos passos se afundam. (...) O território da juventude já é transposto como o passo mais desembaraçado. A idade madura, como passos rápidos.” (BOSI, 1994, p.415)

Durante as conversas realizadas, os entrevistados tendem a contar fatos e acontecimentos ocorridos durante a vida adulta, a infância, a adolescência, e finalmente à

situação que desencadeou a institucionalização. Os relatos, mesmo que de forma individualizada, sempre inclinaram-se aos mesmos temas, que rodeiam as vidas de todos.

De formas muito específicas, quase todos os idosos discorreram sobre temas muito parecidos. Em casos em que a esposa ou o marido acabaram falecendo, os idosos tenderam a discorrer minutos sobre suas relações, contando fatos e situações que os marcaram, enquanto, no caso em que a relação com a esposa não foi tão boa, um dos idosos preferiu não se ater tanto aos detalhes do relacionamento.

Na maioria das entrevistas, os idosos acabam deixando os momentos de vivência dentro da instituição como o ponto menos discorrido durante a entrevista, sempre voltando o assunto a outros períodos em que seus passos – como faz a analogia de Bosi – provavelmente, fizeram mais sentido para eles.

4.3 O gênero biográfico e suas características

François Dosse, em seu livro “O desafio biográfico”, compara o biógrafo com um artista. Durante quase todo o seu texto apresenta uma série de comparações e análises sobre o que difere, mas também assemelha, o biógrafo de um escritor de ficção. O autor afirma que o biógrafo é comparável ao retratista ao ponto que ambos devem fazer escolhas estéticas, mas que não empobrecem o essencial do que há de estar sobre a tela.

Entretanto, Dosse (2009) afirma que é importante observar que uma biografia não é um romance e que, diferente dele, em que há a possibilidade de se criar um perfil aprofundado emocionalmente e psicologicamente, a biografia precisa se ater aos fatos.

Pierre Bourdieu (2006), por sua vez, afirma que contar uma história de vida é fazer um relato que seja coerente com a sequência de acontecimentos que tenham significados e uma direção. Segundo Bourdieu (2006, p.185), talvez seja preciso “conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.”

Diferentemente de François Dosse e Pierre Bourdieu, o autor Philippe Lejeune (2008), ao abordar o papel da autobiografia no gênero, afirma que quando romantizada – no sentido do gênero literário do romance – as histórias de vida tendem a tocar o leitor com mais força:

Penso também que tal autobiografia, apresentada sob forma de “romance”, toca mais profundamente os leitores na medida em que é “essencial”, alheia às contingências anedóticas particulares da vida do autor. Esse aspecto “essencial” permite aos leitores pensarem, por sua vez, em sua própria história.” (LEJEUNE, 2008, p.105)

Pensando que ambos os autores afirmam que um dos principais papéis do biógrafo é transmitir uma história de vida, o podcast Vidas (in)Visíveis tende a se enquadrar no gênero, porém, diferindo-se no ponto em que a história é contada por seus próprios sujeitos, e o papel do jornalista, aqui, é apenas inseri-los nos temas.

Além dos aspectos já discorridos sobre as biografias, Dosse (2009) e Bourdieu (2006) argumentam em seus escritos sobre a linearidade dos fatos que um produto biográfico apresenta. Bourdieu (2006) argumenta que a “ilusão” construída pela biografia se dá ao ponto de que o biógrafo tende a enquadrar os fatos e momentos vividos pelo biografado em uma ordem quase cronológica. Ainda assim, Bourdieu (2006, p. 184) afirma que: “quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário.”. Ainda segundo o autor, ao fazer um relato a um biógrafo “os biografados tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis” (BOURDIEU, 2006, p.184).

Dosse (2009), na mesma perspectiva, afirma que a ordem cronológica dos fatos é um dos aspectos da biografia. É nessa cronologia que, esteticamente, o podcast Vidas (in)Visíveis seguiu. Por meio da construção de uma narrativa que faça com que o ouvinte possa entender a história de vida dos entrevistados é utilizada, então, uma certa ordem cronológica nos relatos dos idosos, focando em diversas fases da vida, transformando-as assim, em uma abordagem que abarca as vivências dos sujeitos em diferentes momentos.

5. PODCAST COMO FORMATO NARRATIVO

Os podcasts são um gênero comunicacional ancorado pelo sonoro e diretamente ligado ao rádiojornalismo e suas produções. Entretanto, o podcast em diversas situações diverge do rádiojornalismo, criando sua própria lógica de produção, veiculação e também de conteúdo.

Baseado no modelo *on demand*, que significa uma modalidade de consumo sob demanda, ou seja, disponível a qualquer hora, qualquer dia e qualquer situação ao ouvinte, o gênero destoa das produções radiofônicas hertzianas mais conhecidas e veiculadas nas rádios AM/FM.

As principais características estão no seu modo de realização e também de veiculação. Diferente da radiodifusão comercial, na qual é necessária uma diversificação de programação, entretenimento e informação, o podcast é elaborado pensando em públicos específicos. Essa singularidade de conteúdo faz com que os produtos finais possam se aprofundar em assuntos dos mais variados.

Quando pensada a relação deste gênero com o tema do trabalho, é possível observar que raramente se encontram produções realizadas de forma exclusiva para um público idoso, ou que tratem sobre o assunto a partir da perspectiva de pessoas idosas, com características linguísticas, temáticas e estéticas voltadas para eles. Uma das poucas criações com conteúdos tendo esse recorte como público-alvo é o Aptare¹³, que trata de questões que se relacionam de maneira direta ou indireta com a velhice no Brasil e no mundo. Entre os episódios podemos citar: “Velhice e HIV: dupla vulnerabilidade”¹⁴, “Provedor do lar: ainda mantenho minha família”¹⁵ e “O amor e a angústia do cuidador”¹⁶.

Um dos principais motivos para que a escassez das produções específicas para e sobre idosos, principalmente institucionalizados, ocorra no país tem relação direta com as lógicas do consumo de podcasts. No Brasil, a audiência deste tipo de produção é muito maior entre o público jovem, sendo a população acima dos 60 anos os seus menores consumidores.

¹³ Disponível em: <https://podcastaptare.podbean.com/>.

¹⁴ Disponível em: <https://podcastaptare.podbean.com/e/t8-e3-velhice-e-hiv-dupla-vulnerabilidade/>.

¹⁵ Disponível em: <https://podcastaptare.podbean.com/e/t3-e3-provedor-do-lar-ainda-mantenho-minha-familia/>.

¹⁶ Disponível em: <https://podcastaptare.podbean.com/e/t2-e4-o-amor-e-a-angustia-do-cuidador/>.

Kischinhevsky (2017) explica que as características implicadas no produzir estilístico da mídia interferem nesse cenário de consumo. Segundo o autor, pelas suas especificidades e as características dos ouvintes, que demandam uma escuta atenta e certa imersividade, os consumidores de podcasts têm perfil distinto daqueles do rádio AM/FM, até porque vemos em diversos estudos e pesquisas que o público jovem é o mais impactado e o maior consumidor do novo rádio

A Associação Brasileira de Podcasters (Abpod) produz anualmente uma pesquisa sobre o consumo da mídia no país, em que avalia os temas mais escutados, a idade média do espectador, além de um recorte de gênero, escolaridade e faixa etária.

A Podpesquisa, como é nomeada pela organização, é produzida desde 2008 por meio de formulário disponível na internet por tempo determinado pela associação. Dessa forma, ela auxilia no entendimento de um público que é consumidor da mídia no Brasil. Entretanto, por ser restrito apenas à internet, o levantamento não possui parâmetros que validem o resultado como se fosse uma pesquisa com procedimentos estatísticos estritos, metodologias que possam controlar a amostra e indicar o grau de generalidade dos resultados.

A pesquisa produzida em 2019/2020¹⁷, que contou com mais de 16 mil respostas ao formulário, apontou que a idade média do ouvinte de podcasts no período era de 28 anos¹⁸. Porém, o dado que chama atenção ao fazer uma ligação com o tema proposto é que a proporção de respostas de idosos acima dos 65 anos é pequena, revelando, assim, uma baixa aderência da mídia nesta faixa etária. Em face das mais de 16 mil respostas à pesquisa, as pessoas acima dos 65 anos não somaram mais de 200. Conforme o levantamento, esse é o grupo que menos consome este tipo de mídia.

Entretanto, a velhice é tratada em diversos podcasts, sejam eles voltados para públicos singulares, como os que abordam temas ligados apenas à saúde; ou os de perfil noticioso – quando há fatos que se relacionem com a velhice –, e também os de assuntos gerais, que podem tratar de pautas frias e serem produzidos a partir de diversas perspectivas e angulações. Estas produções falam de assuntos que são mais pertinentes ao momento, principalmente os noticiosos. Entre alguns exemplos, podemos encontrar as abordagens feitas

¹⁷<https://abpod.org/podpesquisa/>

¹⁸ Dado obtido por meio da live de divulgação dos resultados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-WZeTC6fqg4&t=1751>. (Acesso em 04 de abril de 2021)

pelo podcast “Saúde sem Tabu”¹⁹, do médico Drauzio Varella, que trata diversas temáticas, e produziu um episódio intitulado: “Saúde mental depois dos 60 anos”²⁰. Durante a pandemia do Covid-19, diversos podcasts fizeram menção à velhice, pois são eles o maior grupo de risco da doença. Programas famosos como “O Assunto”, produzido pelo G1 e com apresentação da jornalista Renata Lo Prete, e também o “Café da Manhã”, da Folha de S. Paulo, são referências em produtos jornalísticos e utilizaram dos seus espaços para tratarem do tema, mesmo que suas linhas editoriais não sejam exclusivamente direcionadas ou construídas para a população idosa.

O podcast também tem como característica a imersividade e a maneira com que as informações são passadas para quem está escutando. Essa característica, em específico, faz com que os temas propostos para produção possam favorecer a sensibilidade, resultando na ampliação do envolvimento do ouvinte na história.

Considerando isso, uma vez que as histórias dos idosos institucionalizados vão muito além do que eles vivem diariamente, é a partir daí que a narração por meio dos podcasts pode fazer um trabalho de construção de um imaginário a partir dos relatos:

Ao lançar mão desse tipo de narrativa, tem como propósito conduzir o ouvinte a vivenciar histórias em situações imaginadas ou reproduzidas, numa forma de imersão com o conteúdo, sejam elas reais ou de ficção. A narrativa radiofônica possui elementos que contribuem de forma fundamental para uma imersividade, como a possibilidade de reconstituição sonora de áudios históricos, a entonação e o envolvimento emocional que a voz humana pode proporcionar. (VIANA, 2018, p.8)

Os podcasts se dividem em diferentes formatos, pensando principalmente na lógica de especificidade de público. Por poder se moldar a esses distintos modos de elaboração, o produto final pode ter diferenciados modelos estéticos, fazendo assim, com que os espectadores possam escolher quais serão mais atrativos.

Os modelos dos podcasts vão desde os que necessitam de uma edição rigorosa e roteiros muito elaborados, como também os que não se prendem ao rigor da roteirização, de tempos demarcados e nem de edições tão elaboradas.

¹⁹ Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/podcasts/saude-sem-tabu/>.

²⁰ Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/podcasts/saude-sem-tabu/saude-sem-tabu-01-saude-da-mulher-em-tempos-de-covid-19/>.

Estão entre os principais modelos de produção o *roda de conversa*, que de acordo com a Podpesquisa 2019/2020, referem-se a 55,3% dos 1.079 podcasts analisados pelo levantamento. O modelo *roda de conversa* se baseia em uma gravação em que três ou mais locutores conversam sobre uma temática definida. Tendo em vista essa liberdade e a ideia de conversa que vai diretamente no nome do formato, ele se torna livre de roteirização. Cada locutor contribui com suas ideias e referências sobre o assunto e o bate-papo acontece com a troca de opiniões e que na maioria das vezes evidencia distintos pontos de vista.

Além deles, há também os podcasts de *entrevista* e de *debate*. Ambos se dão a partir das opiniões de especialistas sobre o tema proposto por meio de perguntas feitas pelo locutor e mediador da discussão. Entretanto, o que os distingue, na maioria das vezes, é a forma como as conversas são conduzidas, sendo o de *entrevista* produzido a partir de opiniões de uma única fonte de cada vez, e o *debate*, a partir da construção da discussão sobre o mesmo assunto por entrevistados diferentes, e ao mesmo tempo. De acordo com a pesquisa, juntos, os dois somam 17,5% dos produtos analisados.

Entre os formatos que apresentam de maneira mais clara as características de imersividade, citadas por Viana (2018), está o *storytelling*. Este modelo, diferentemente dos anteriores, é utilizado a partir de uma narrativa que faz com que o ouvinte se sinta parte do ambiente por meio da sonorização empregada no ato da roteirização e edição do produto.

Os *storytellings* tem como objetivo contar histórias de forma a entreter quem escuta, diferenciando-se assim dos que trabalham com uma maior rigidez jornalística. Nele não há necessidade de escutar diretamente os entrevistados, e quando há, os recortes das entrevistas se dão no contexto da história, utilizando um roteiro que se adapta ao relato, sem que a narrativa do podcast seja quebrada. Entretanto, estes formatos podem ser hibridizados, fazendo com que o podcast se torne uma mistura da contação de histórias, por meio dos narradores – que produzem o podcast –, e relatos reais dos personagens que viveram os fatos abordados.

Entre os principais podcasts de *storytelling*, temos em vista o Projeto Humanos²¹, que recria casos e histórias reais acontecidos no Brasil com profundidade de apuração. O projeto,

²¹ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/>.

que conta com quatro temporadas, procura reproduzir histórias a partir da perspectiva dos entrevistados.

Devido à pandemia da Covid-19, na tentativa de conter o contágio e a exposição ao coronavírus aos moradores, todas as ILPIs restringiram o acesso de visitantes e outras pessoas que não trabalham no local.

Por conta desse fato, o podcast *Vidas (in)Visíveis* teve que se adaptar e realizar a gravação dos episódios remotamente, sem um contato direto com os entrevistados. Tendo em vista que os podcasts têm como uma de suas características uma produção que não demanda necessariamente equipamentos profissionais, e nem uma complexidade grande de materiais para captação de áudio, a mídia pôde se enquadrar de forma efetiva na realização do trabalho. Além disso, a realização do gênero, que pode se dar inclusive por microfones instalados em smartphones, significa menor dificuldade na construção de episódios, impulsionando um crescimento e um aumento exponencial de produções ao redor do mundo.

Kischinhevsky (2017) afirma que o podcast investe na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração dos personagens em diversos momentos dos episódios. Relacionando com o projeto, a ideia central é utilizar dessa escuta extensa, citada pelo autor, ao enviar um gravador para o Lar Santa Maria e, por meio de videoconferências de acompanhamento, tanto com a equipe, quanto com os idosos, produzir os episódios.

Em face da discussão sobre o podcast e seus modos de sensibilizar o ouvinte por meio dos áudios, a escolha deste tipo de mídia para o produto se dá a partir da ideia de potencializar vozes pouco escutadas. Com a utilização dos relatos sonoros, o projeto tem como guia a força das gravações dos entrevistados como sustentadoras de opiniões, vivências e histórias, tanto de dor, de superação, de afeto e diversas emoções. As linguagens sonoras e principalmente os podcasts fomentam, por meio das vozes e das construções de espaços sonoros, meios para que estas emoções sejam passadas de forma clara e sensível para o ouvinte.

6. O PRODUTO

A vida, a rotina e os afetos de um idoso institucionalizado em lares comunitários, como o Santa Maria, em Mariana, é algo, por vezes, ainda desconhecido por grande parte da população.

Na maioria das situações, idosos institucionalizados ou pessoas que estão sob o processo de institucionalização são fontes pouco escutadas por parte da mídia e também da população em geral. Essas histórias de vida, que decorrem de momentos pré-institucionalização e que continuam em processo de mudança, se transformam no decorrer do tempo, principalmente com a estadia permanente nesses locais de acolhimento. O trabalho “Idosos em Lares Comunitários: Memórias, Afetos e Histórias” tem como objetivo, por meio do podcast Vidas (in)Visíveis, amplificar as vozes dos moradores do Lar Santa Maria, de forma com que façamos que elas sejam ouvidas por mais pessoas.

No jornalismo ainda há uma discussão de que um dos papéis do jornalista seja “dar voz” às pessoas que não têm força para serem escutadas. A atuação do jornalismo na sociedade por vezes já foi pautada neste preceito, sendo essa uma ideia controversa em alguns aspectos. Ao afirmar este papel autodeclarado, abre-se a reflexão de como os jornalistas podem acabar desempenhando um papel de “salvadores da pátria” no imaginário social (ou mesmo se enxergando desse modo).

Entretanto, essa lógica de pensamento é problemática, pois pode validar a noção de que as pessoas nas quais o jornalista se baseia para fazer suas reportagens não têm suas próprias “vozes”. Todos possuem histórias de vida e percepções sobre o mundo e, no caso dos idosos institucionalizados, a maior parte das suas histórias seguem sendo invisibilizadas ou vistas apenas a partir de um olhar (estigmatizado) de caridade. Sendo assim, o podcast Vidas (in)Visíveis aparece com o intuito de amplificar essas vozes, a partir de sua própria tomada da palavra, por meio das perspectivas, memórias e sentimentos dos moradores. Por outro lado, caminha no sentido da escuta, uma das bases da prática profissional.

Diferentemente de um produto totalmente jornalístico, a voz a ser escutada deixa de ser a do profissional como “contador” ou transmissor das histórias, e se volta ao seus

respectivos donos, dessa forma, fazendo com que temas antes pouco abordados por esse grupo social sejam mais expostos.

O podcast tem como um dos seus principais objetivos fazer uma escuta atenta e aprofundada dos próprios idosos como sujeitos ativos, mas que vivem dentro das instituições. A abordagem, então, tende a se voltar para o que esses idosos têm a dizer, mas que, no geral, apenas enxergamos (ou escutamos) de fora, por meio do olhar de quem buscou e/ou publicou essas histórias, no caso o jornalista.

Aqui quem toma a palavra e conta a história é o próprio sujeito, sendo o papel do jornalista apenas introduzir assuntos, conduzir as conversas e fazer a edição dos relatos, caracterizando então o produto como uma autonarrativa construída pelas falas que os próprios interlocutores relataram durante as conversas.

Com base nesse aspecto, na prática, foi necessária a escuta atenta dos materiais gravados. As conversas, quando devidamente armazenadas na plataforma Google Drive, foram ouvidas cerca de duas a três vezes para a captação de pontos cruciais das histórias, e que pudessem construir uma narrativa que fizesse sentido para o ouvinte.

Para as entrevistas não houve um roteiro engessado de perguntas, mas a preparação de uma pauta para apoiar a condução do diálogo, com base em informações previamente enviadas pela coordenação da instituição. Com isso, os programas seguiram a lógica de uma conversa, uma situação de escuta de histórias, relatos e impressões de momentos comuns entre os idosos. O desenvolvimento da entrevista se deu em caráter de bate-papo, sendo gravado de dentro do Lar Santa Maria, e por meio de videoconferência. Como conversado com a equipe da instituição, devido à pandemia da Covid-19, foi impossível o contato presencial com os idosos, visto que são grupo de risco da doença.

Dessa forma, a realização dos conteúdos foi feita de forma conjunta entre a diretoria do Lar Santa Maria e o jornalista responsável pelo podcast. Com apoio da Universidade Federal de Ouro Preto, que disponibilizou os equipamentos necessários para a gravação das conversas, foi entregue para o Lar um gravador de áudio e um microfone lapela, utilizados na captação das entrevistas.

Quando gravada a entrevista, ocorria uma ida ao Lar Santa Maria (apenas na porta), para pegar o gravador e realizar o armazenamento dos áudios na plataforma Google Drive.

Após isso, também era realizada a troca das pilhas do gravador e ele era, novamente, entregue ao Lar, e assim ocorreu sucessivamente até a gravação de todas as conversas.

As entrevistas foram realizadas por meio de videoconferências pela plataforma Google Meet. Durante as gravações foram entrevistados cinco idosos, cujos relatos deram origem a quatro episódios, sendo três deles individuais, e um com a participação de duas fontes. Todos os moradores entrevistados tiveram suas escolhas pré-estabelecidas pela instituição. As escolhas foram realizadas com base em diagnósticos de saúde física e mental, prezando por pessoas que tivessem condições de falar e principalmente de contarem suas histórias.

Além disso, foi solicitado à coordenação da instituição que a escolha dos entrevistados tivesse como premissa uma diversidade de fontes. Com isso, a seleção se deu por homens e mulheres de diferentes idades, naturalidades, tempo de estadia na instituição, razões de entrada no Lar e condições físicas e sociais.

Por conta da restrição de visitas ao Lar Santa Maria, tornou-se inviável uma participação de maneira mais próxima na escolha dos entrevistados e os modos como foram abordados para a solicitação de entrevistas.

Após as entrevistas, iniciou-se a edição dos episódios, realizada totalmente pelo software Adobe Audition. Por meio do programa, foi feito o tratamento dos áudios brutos, focando principalmente nas ampliações dos volumes dos áudios, redução de ruídos e compactação dos arquivos sonoros, para que todo o relato mantivesse uma faixa de som sem interferências.

O processo de edição do conteúdo em si foi iniciado com os recortes de trechos da entrevista, anteriormente sinalizados como principais temas e tópicos relatados pelos idosos, que fizessem sentido na narrativa como um todo.

Após a edição dos conteúdos, foi então pensada a sonorização dos programas. Para isso, houve a utilização de trilhas sonoras gratuitas²² – exclusivas em cada episódio, levando em consideração o assunto e o tom da conversa – e de recortes de músicas rememoradas pelos entrevistados. As escolhas das trilhas, realizadas individualmente ao mesmo tempo que

²² Encontradas na plataforma Youtube Audio Library, que contém músicas e trilhas sonoras gratuitas e de uso livre.

se ouvia a parte do relato em questão, teve como objetivo criar um contexto entre a fala do entrevistado e a trilha que foi utilizada como pano de fundo.

O processo de se escutar o trecho do relato ao mesmo tempo que ouvia-se diferentes trilhas, buscando a que fizesse mais sentido estético para ser escolhida e incorporada ao episódio, fez com que essa etapa fosse a que mais levou tempo de produção. Com base nessa relação entre música e contexto, o podcast em formato narrativo, aqui, tem como um dos pontos principais a busca de proximidade e imersão por meio da edição.

No rádio, esse novo gênero se manifesta com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos como afeto, medo, raiva e sensações suspense, alegria. A linguagem se aproxima da (e também atualiza a) contação de histórias. Cai o nível de redundância característico do texto no radijornalismo, em função da atenção à narrativa, e ganham espaço os ganchos, os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios. (KISCHINHEVSKY, 2018, p.79)

O produto final concretizou-se com quatro episódios, o primeiro, com 22 minutos de duração, o segundo com 28 minutos, e o terceiro e quarto com cerca de 17 minutos. O tempo máximo dos episódios foi previamente definido em 30 minutos por conta um grande volume de informações para serem editadas, alocadas e organizadas. As entrevistas variaram de idoso a idoso, tendo uma média de 1h20 por conversa, sendo a menor com cerca de 40 minutos, e a mais longa chegando a quase duas horas.

O Vidas (in)Visíveis teve como objetivo humanizar este grupo ainda invisibilizado e aproximar a sociedade das histórias contadas por eles, do período pré-institucionalização até as experiências mais recentes, após a entrada no Lar.

Coube ao repórter conduzir os entrevistados no tema, mas deixando-os livres para discutirem e conversarem sobre o que achassem necessário. Durante as entrevistas, foram abordados diversos assuntos, de situações que ocorreram em diversas etapas de suas trajetórias, tanto antes quanto depois da institucionalização.

Os idosos foram instigados a falar sobre seus sentimentos, suas histórias, pontos e aspectos marcantes em diferentes fases da vida. Além disso, foram questionados sobre episódios que remetesse à infância, à juventude, à vida adulta e à velhice.

Ainda como adicional aos programas, foi criado um perfil na plataforma Instagram²³ para publicação de conteúdos extra aos episódios. A criação da página se deu no intuito de fornecer ao ouvinte uma sensação de imersão nas histórias. Antes formadas apenas pelos áudios e pelas vozes, as fotos e os vídeos dão rosto e corpos aos idosos. Por meio dessas imagens, os ouvintes podem construir, em suas imaginações, os relatos e histórias narrados pelos interlocutores.

A produção do material extra se deu por meio de recortes das videoconferências das entrevistas, gravadas pela plataforma Google Meet, além de produções fotográficas, realizadas presencialmente no Lar Santa Maria. Devido ao avanço exponencial da vacinação contra Covid-19, inclusive com a dose de reforço aplicada aos idosos, além do baixo número de mortes e internações pela doença, foi possível uma única visita à instituição. Nessa visita foi realizada a captação de fotografias e vídeos que alimentaram visualmente a página.

6.1 Vidas (in)Visíveis

O trabalho “Idosos em Lares comunitários: Memórias, Afetos e Histórias” teve como objetivo a produção de um podcast que narrasse a vida de idosos moradores do Lar Comunitário Santa Maria, em Mariana. Com sua idealização inicial em 2019, o projeto precisou passar por diversas mudanças de planos e de caminhos, principalmente devido à pandemia da Covid-19, que teve início em 2020.

Por conta das restrições impostas, foi necessário um trabalho de readequação do modelo, que antes seria uma reportagem multimídia, para um novo formato que não perdesse a essência do tema, mas, ao mesmo tempo, não colocasse nem os idosos e nem o repórter em risco de contaminação. Com isso, foi definida a utilização do gênero radiojornalístico, mais especificamente, o podcast.

A escolha do nome Vidas (in)Visíveis se deu por conta de todo o processo de produção do programa, com base nas entrevistas, nos contatos com idosos e com a instituição. Vidas (in)Visíveis desenha, de forma quase literal, o conteúdo dos relatos utilizados nos episódios. Tendo em vista todo o contexto de invisibilidade social tratado neste

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/vidasinvisiveispodcast>.

trabalho, o podcast segue de maneira divergente à invisibilidade, trazendo à tona as vozes dos idosos moradores do Lar Comunitário Santa Maria. O emprego de parênteses no nome é baseado na ideia de que a invisibilidade das vidas dos interlocutores se dá apenas até o momento em que suas vozes e histórias são ouvidas pela audiência.

6.2 Os episódios

Intitulados como *Esperança, Renascimento, Trabalho e Acolhimento*, respectivamente, os episódios do Vidas (in)Visíveis narram as histórias do Sr. João Eustáquio, Sra. Alda, Sr. Luiz Diogo, Sra. Vera Lúcia e Sra. Maria de Jesus. Divididos em temas que fazem relação com o tom dos relatos, os episódios trazem histórias de vida dos personagens contadas por eles mesmos. Os episódios estão disponíveis na plataforma Anchor²⁴ e também no Spotify²⁵. Além disso, o produto pode estar disponível em outras plataformas de distribuição de podcasts, visto que o Anchor envia automaticamente a diversos reprodutores da mídia.

*Episódio 1 - Esperança*²⁶: No primeiro episódio, é apresentada a história de vida de João Eustáquio, marianense de 69 anos, e morador do Lar Santa Maria desde 2017. O episódio foi realizado como projeto piloto da série. A construção do programa foi realizada e apresentada na disciplina de Jornalismo Biográfico do curso de Jornalismo da UFOP, conduzida pela professora Agnes Mariano. A partir da experiência de produção deste primeiro episódio, foi possível entender quais as especificidades dos modos de gravação remotos, além de técnicas de edição e tratamento de áudio. O Sr. Taquinho, como gosta de ser chamado, rendeu a conversa por cerca de 1h40, e falou sobre assuntos que perpassaram sua vida, desde a infância até sua institucionalização. O nome que intitula o episódio se deve à esperança do idoso de sair do Lar, que aparece várias vezes durante a conversa. Por conta de um acidente ao cair de uma escadaria, o Sr. Taquinho ficou paraplégico e sua família solicitou a institucionalização. Anteriormente à gravação, a direção do Lar informou, de maneira particular, que o idoso já foi informado judicialmente que não há a possibilidade do

²⁴ Disponível em: <https://anchor.fm/vidasinvisiveis/>.

²⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0pVIVFQ9WfWeEGKSYOug8m>.

²⁶ Disponível em: <https://anchor.fm/vidasinvisiveis/episodes/1---Esperana-e-lchde8> e <https://open.spotify.com/episode/6vFhuyhhKgZ6cObePf4A9t>.

restabelecimento de sua independência. Entretanto, ele não aceita a decisão e, por vezes, se irrita ao ser lembrado que não poderá sair do Lar.

*Episódio 2 - Renascimento*²⁷: O segundo episódio traz a história de Alda Alves Viana, ouro-pretana de 80 anos de idade. A conversa com Dona Alda foi a terceira durante as gravações para o podcast. O nome escolhido para o episódio se deu por conta de três momentos marcantes em sua vivência. O primeiro deles, em seu nascimento, quando veio ao mundo desacordada, o segundo ao ser atropelada quando tinha cerca de 40 anos de idade, e o terceiro, que desencadeou sua chegada ao Lar Santa Maria. A conversa com ela durou 2 horas e, durante toda a entrevista, Dona Alda se mostrou disposta e entusiasmada em contar suas histórias. A idosa esteve completamente lúcida durante a conversa e por pouquíssimas vezes esqueceu de fatos ocorridos em todas as fases de sua vida. O episódio de Dona Alda, por esse motivo, foi o de maior duração, chegando aos 28 minutos, tornando-o o maior da série e refletindo diretamente no tamanho da conversa e na riqueza de detalhes das exposições.

Diferentemente do que foi anteriormente repassado pela coordenação do Lar, Dona Alda falou sobre âmbitos pouco explorados por ela com funcionários e os outros residentes. A coordenação havia antecipado que ela iria, provavelmente, falar sobre religiosidade, sua conexão com a fé dentro do lar – de acordo com eles, Dona Alda passa grande parte do seu tempo na capela da instituição. Entretanto, a conversa tomou rumos que perpassaram sua juventude, seus namorados, suas dificuldades e a superação de desafios. De maneira a tornar o episódio mais interativo, foi inserida uma locução, realizada por Thaynara Carolino, de uma carta que Alda recebeu em sua juventude. A escolha da entrada externa se deu também, por conta da qualidade ruim do áudio no momento em que a idosa relatava o conteúdo da carta recebida.

Em suas falas, Dona Alda seguiu uma linha cronológica, na qual contou de suas fases da vida, e também de sua condição como institucionalizada.

*Episódio 3 - Trabalho*²⁸: Diferentemente dos dois primeiros episódios, a terceira parte da série narra a história de vida de dois idosos. A escolha de colocar duas diferentes histórias em um só episódio se deu por conta da escassez de informações obtidas em ambas as

²⁷ Disponível em: <https://anchor.fm/vidasinvisiveis/episodes/2---Renascimento-e1chd9i> e <https://open.spotify.com/episode/1o4323TxWdhzorGmF2k9Ym>.

²⁸ Disponível em: <https://anchor.fm/vidasinvisiveis/episodes/3---Trabalho-e1chd3q> e <https://open.spotify.com/episode/7m4XTrMIgrxjxJI1eNepyD>.

entrevistas. A conversa realizada com Luiz Diogo, de 82 anos, durou cerca de 40 minutos e foi a primeira entrevista após a realização do programa piloto. Entretanto, devido ao conteúdo pouco desenvolvido, os relatos do Sr. Luiz Diogo não seriam suficientes para um episódio individual. Na entrevista, o idoso, que apresenta certo grau de senilidade, falou muito pouco. Suas respostas foram sempre breves e, em termos de edição de conteúdo, não dariam para constituir um episódio completo. Em alguns momentos, quando utilizadas técnicas para que o entrevistado tivesse respostas mais elaboradas, o mesmo continuava a responder de maneira sucinta e direta. Em algumas situações, foi questionado que ele contasse alguma história que tivesse marcado sua infância, vida adulta, ou então situações que aconteceram na fazenda onde morou. A resposta do idoso era sempre objetiva: “Não lembro de nenhuma por agora.”, “Não tenho nenhuma história”, “Nada me marcou”.

O mesmo acontecia quando questionado sobre o que gostava de fazer em seus momentos de lazer, e o idoso respondia sem muita argumentação: “apenas de ficar na roça.”

Em um primeiro momento, a entrevista seria descartada, devido à pouca consistência das informações obtidas. Porém, na quarta conversa realizada, os planos do episódio acabaram surgindo. Após as três primeiras entrevistas, a idosa escutada foi a Dona Vera Lúcia, de 73 anos. Em um primeiro momento, a conversa com Dona Vera era uma das mais esperadas, pois, segundo a coordenação do Lar, a idosa é muito comunicativa. Entretanto, no decorrer do tempo, Dona Vera precisou fazer uma cirurgia e teve uma das pernas amputadas, por causa de uma doença pré-existente. Entretanto, na conversa com Vera, o assunto da doença, da cirurgia e nada relacionado ao Lar Santa Maria foi citado. Pelo contrário, a idosa, que também apresenta um certo grau de senilidade, afirmou categoricamente que não mora na instituição, e quando questionada, disse estar no seu local de trabalho.

A entrevista com a quarta idosa, que também durou cerca de 40 minutos, num primeiro momento também não conseguiria manter um episódio solo. Após uma conversa com a coordenação do Lar, em que foram apresentadas as dificuldades de obtenção de informações junto aos dois idosos, surgiu a constatação, por parte da instituição, de que a Sra. Vera Lúcia estaria com sinais de início da doença de Alzheimer, sendo esse, inclusive, um dos motivos pelo qual ela teria sido escolhida para as conversas. Com a reescuta atenta – por cerca de cinco vezes – de cada uma das duas entrevistas, observou-se que ambos os idosos discorriam muito sobre trabalho e a forma como ele os marcou durante a vida. A partir dessa

informação, fez-se a seleção de trechos, articulação e construção de um roteiro no qual o entrecruzamento das narrativas fizesse sentido.

O episódio foi finalizado com 19 minutos de duração, e a sua edição foi realizada de modo a fazer uma diferenciação entre as duas histórias, mesmo ambas estando no mesmo programa. Para isso foi utilizada uma categoria de trilha sonora específica para cada um dos idosos, por meio de gêneros musicais que combinassem com o perfil de cada um deles. Para o Sr. Luiz Diogo, country e folk, e para a Dona Vera, trilhas da categoria R&B.

*Episódio 4 - Acolhimento*²⁹: O último episódio da série Vidas (in)Visíveis traz a história da Maria de Jesus, uma senhora de 58 anos, moradora do Lar Santa Maria desde 2017. O episódio da Maria foi gravado assim como todos os outros, por meio do gravador disponibilizado ao Lar Santa Maria. Entretanto, durante a conversa, a idosa acabou desligando o gravador, fazendo assim com que 37 dos 40 minutos de entrevista fossem perdidos.

Com isso, houve então um trabalho de fazer com que o áudio gravado por meio da videoconferência se tornasse o mais próximo das outras gravações. Foi realizado o tratamento do áudio para que, além dos problemas de dicção da idosa, o material se tornasse o mais audível possível.

Já com o material devidamente tratado, iniciou-se a curadoria das informações obtidas na entrevista. A Dona Maria é uma senhora que, de acordo com a coordenação do Lar Santa Maria, tem uma certa deficiência física e cognitiva. Essa deficiência influencia diretamente na dicção da idosa, que, por alguns momentos, se torna difícil de ser entendida. Por conta dessa dificuldade de relatar alguns fatos da vida – inclusive a própria idade –, o episódio tem a participação da Assistente Social e Coordenadora das Obras Sociais Monsenhor Horta, Teresa Santos. A funcionária do lar é intitulada por Maria como sua mãe e a idosa afirma que apenas ela sabe alguns fatos de sua história de vida.

Apesar das particularidades sonoras do episódio que em muitos momentos produzem dificuldade de escuta, optou-se por manter a conversa como último programa da série, pois, significativamente, Dona Maria representa todos os idosos institucionalizados que vivem com

²⁹ Disponível em: <https://anchor.fm/vidasinvisiveis/episodes/4---Acolhimento-e-lchese> e <https://open.spotify.com/episode/4oz97RK9NYnrk1LOwW49z4>

algum tipo de deficiência cognitiva. A participação de Dona Maria se torna tão significativa ao ponto de que é nítido que pessoas PCD estão nos lares e são ainda mais invisibilizadas.

O trabalho vem, assim, como uma ampliação das vozes de idosos como a Maria de Jesus, que mesmo com todas as dificuldades passadas no decorrer da vida por conta de suas deficiências, têm histórias tão importantes quanto todos os outros e merecem, ainda mais, serem visibilizadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O podcast Vidas (in)Visíveis, produto realizado como trabalho de conclusão de curso na graduação em Jornalismo na UFOP, teve como objetivo principal, ampliar as vozes de idosos moradores do Lar Comunitário Santa Maria, localizado em Mariana, município de Minas Gerais.

No trabalho foram construídos, de forma remota, quatro episódios, que narram as histórias de vida de cinco idosos. Por meio dos episódios, os personagens puderam, a partir de suas próprias vozes, tomar a palavra sobre suas experiências e vivências no decorrer do tempo.

O formato narrativo do podcast, impulsionado pelo gênero jornalístico autobiográfico, juntamente com a temática, pouco encontrada em produções deste tipo, fazem com que o produto final seja inovador e com um aspecto de relevância social.

Além disso, no âmbito universitário há uma escassez de produções do tipo que trabalham no processo de desconstrução da invisibilidade social de idosos moradores de ILPIs. A riqueza dos relatos auxilia, não só na reconstrução de uma imagem no sentido contrário da pré-estabelecida – de maneira estigmatizada – para com esses idosos, mas também na construção de uma memória, tanto da instituição, quanto da própria cidade de Mariana.

Com isso, o trabalho pretende ser um ponto de partida para futuras produções que possam ser agentes diretos de visibilidade a grupos antes invisibilizados pela sociedade. A partir da proximidade da universidade com o lar, construída a partir de todo o trabalho, é possível que, futuramente, novas produções possam dar continuidade ao trabalho, contando histórias de vida de ainda mais pessoas.

Conclui-se então, que os objetivos apresentados, ainda na condição de projeto, chegaram a um resultado positivo, tanto como finalização de uma graduação, quanto pessoal e profissional. Por fim, como aspecto determinante, o trabalho recebeu aval positivo dos idosos que foram personagens dos podcast, e essa é a principal conclusão que este trabalho poderia obter.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução da diretoria colegiada- RDC Nº 283**, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html. Acesso em 10 de abril de 2021.

BARROS, Myriam. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 52, p.109-132, set./dez. 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina P.; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p.183-191.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado_EC%20114.pdf. Acesso em 08 de abril de 2021.

BRASIL. **Estatuto do idoso**: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

CAMARANO, Ana; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira Estudos Populares**. Rio de Janeiro, v.27, n.1, p.233-235, jan./jun. 2010.

COSTA, Maria; MERCADANTE, Elizabeth. O idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso. **Kairós Gerontologia**, v.16, n.1, p.209-222, 2013.

DEBERT, Guita. A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento 1 Guita Grin Debert. - 1. ed. 1. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004. p. 99-136

DOSSE, François. A biografia, gênero impuro. In: DOSSE, François.. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009. p.55-62.

FAGUNDES, Karolina; ESTEVES, Michelly; RIBEIRO, João; SIEPIERSKI, Carlos; SILVA, José; MENDES, Maria. Instituições de longa permanência como alternativa no acolhimento das pessoas idosas. **Revista de Salud Pública**, v.19, n.2, abril 2017.

FREITAS, Denise. Vulnerabilidade e resiliência em idosos institucionalizados. **Revista Kairós**, São Paulo, Caderno Temático 7, 2010.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Idosos no Brasil II: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/idosos-no-brasil-vivencias-desafios-e-expectativas-na-terceira-idade/>. Acesso em: 30 de dezembro de 2021.

GROISMAN, Daniel. Asilos de Velhos: passado e presente. **Estudos interdisciplinares envelhecimento**. Porto Alegre, v.2, p.67-87, 1999.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.9, p.61-78, jan./abr. 2002.

KALACHE, Alexandre *et al.* Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da Pandemia Covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.23, n.6, 2020

LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e ficção. In: LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.103-109.

KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación**, v.5, n.10, p.74-81, out. 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO (SBPJor), 15, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SBPJor2017. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/view/598/399>. Acesso em 1 de maio de 2021.

MACHADO, Felipe. **Seja jovem: sentidos sobre a velhice em cinquenta anos de Veja (1968-2017)**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2020.

MELO, Natalia; FERREIRA, Marco; TEIXEIRA, Karla. Condições de vida dos idosos no Brasil: Uma análise a partir da renda e nível de escolaridade. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v.25, n.1, p.4-19, 2014.

NASRI, Fabio. O envelhecimento populacional no Brasil. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. **Revista Einstein**, v.6, suplemento 1, p.54-56, 2008.

RODRIGUES, Nara; TERRA, Newton; **Gerontologia Social para leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

RODRIGUES, Lizete; SOARES, Geraldo. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n.4, p.1-29, 2006.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p.9-68.

SILVA, Giuslane. Resenha de HALBWACHS, Maurice, A memória coletiva. **Aedos**, Porto Alegre, v.8, n.18, p.247-253, Ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/59252> Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

SILVA, Luna. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan./mar. 2008.

SIMÕES, Fátima *et al.* Mulher, mercado de trabalho e as configurações do século XX. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, v.15, n.1, p.155-168, 2008.

VIANA, Luana. Áudio imersivo: recurso binaural na construção de narrativas em podcasts ficcionais de drama. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 2018, Joinville. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018.

VIEIRA, Karine Moura. O jornalismo no biográfico. In: VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber: a construção do biografar**. O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. p. 68-76.

ANEXO 1 - PAUTA 1

PAUTA ENTREVISTA
ENTREVISTADO/A: Sr. João Eustáquio
INFORMAÇÕES PRELIMINARES: João Eustáquio tem 69 anos e é morador do Lar Santa Maria desde 2013. O idoso tem filhos e uma ex-esposa, todos moradores da cidade de Ouro Preto. A família tem pouco contato com o idoso. João Eustáquio é PCD e utiliza cadeiras de rodas pois não tem movimentos nas pernas e poucos nas mãos, que são atrofiadas. O idoso sofreu um acidente ao cair de uma escadaria e, por esse motivo, juntamente com a falta de apoio familiar, foi institucionalizado. O idoso tem um sonho de sair do Lar e ir morar sozinho, entretanto já há uma decisão judicial que não permite que ele viva sozinho.
ÊNFASES/Angulação: Neste episódio, a angulação se dará a partir do relato sobre a vida de João Eustáquio.
PERGUNTAS: <ul style="list-style-type: none">- Como era a vida em Mariana na infância ?- O que mais gostava de fazer na cidade ?- Como foi sua vida adulta ?- Com o que trabalhou ?- O Sr. foi casado ?- Como chegou ao Lar Santa Maria ?- O que mais gosta?- E o que menos gosta no local ?

ANEXO 2 - PAUTA 2

PAUTA ENTREVISTA
ENTREVISTADO/A: Dona Alda
INFORMAÇÕES PRELIMINARES: Alda Alves Viana tem 80 anos, é moradora do Lar Santa Maria desde 2017. A idosa não teve filhos, apenas irmãos, que continuam a visitá-la durante sua estadia no Lar. Alda precisou ser institucionalizada devido a um acidente que a deixou com alguns problemas físicos que impossibilitaram-na de continuar vivendo sozinha. Segundo a coordenação do Lar, a idosa é muito religiosa e gosta de cantar. Nas missas realizadas no Lar Santa Maria, Dona Alda é uma das mais ativas.
ÊNFASES/Angulação: A abordagem desse episódio se dará em dois momentos, um deles voltando na vida de Dona Alda, pensando em sua infância, adolescência e vida adulta. É importante deixar claro as razões pela qual ela não teve filhos, se isso era uma vontade dela. O outro aspecto diferenciador deste episódio será a estadia de Dona Alda dentro do lar, focado em sua religiosidade e sua participação nas missas realizadas no local.
PERGUNTAS: <ul style="list-style-type: none">- Conte um pouco sobre sua infância. Em qual cidade nasceu ? Como eram os locais na época ?- O que mais gostava de fazer na cidade quando era criança ?- E quando era adolescente?- Conte um pouco sobre sua relação com sua família.- Qual sua relação com a igreja e a religiosidade ?- O que mais gostava de fazer quando estava no seu tempo livre ?- Você trabalhava ? O que fazia para se sustentar ?- Por que não teve filhos ? Foi casada ?

ANEXO 3 - PAUTA 3

PAUTA ENTREVISTA
ENTREVISTADO/A: Dona Vera
INFORMAÇÕES PRELIMINARES: Vera Lúcia Gonçalves Basso tem 73 anos e é natural de Petrópolis mas mora em Mariana. A idosa apresenta sinais de senilidade, mas consegue contar sobre sua vida. Em 2021, Vera precisou realizar uma cirurgia para amputar a perna mas não fala sobre o ocorrido. Segundo a coordenação do Lar, ela não consegue entender o que aconteceu. De acordo com os funcionários do Lar Santa Maria, a idosa sempre trabalhou cozinhando e este é o ponto da vida no qual mais discorre em suas conversas. Ela acredita que irá voltar a morar sozinha e que apenas está passando um momento na instituição.
ÊNFASES/Angulação: A angulação se dará a partir das histórias contadas por Dona Vera. Por ser um assunto sensível, não citarei a cirurgia e nem as causas. Tentarei focar em suas vivências enquanto criança e adolescente, seu casamento e sua vida profissional.
PERGUNTAS: <ul style="list-style-type: none">- Como foi a infância da Sra em Petrópolis ?- Como era sua relação com a família ?- E na juventude ? O que mais gostava de fazer ?- Quando começou a trabalhar ?- Como conheceu seu marido ?- Como era a relação ?- O que mais gostava de fazer ?- Qual era a sua relação com seu trabalho ?- Conte alguma história de seu trabalho

ANEXO 4 - PAUTA 4

PAUTA ENTREVISTA
ENTREVISTADO/A: Dona Maria
INFORMAÇÕES PRELIMINARES: Maria de Jesus de Souza tem 57 anos e é moradora do Lar Santa Maria desde 2018. A idosa possui deficiências físicas e cognitivas, então por vezes ela se confunde nos assuntos. Mesmo com suas dificuldades, Dona Maria gosta de conversar e fala sobre todos os assuntos. A idosa não tem responsáveis legais fora do Lar, que tornou-se sua casa fixa após uma decisão judicial.
ÊNFASES/Angulação: Nesta entrevista a ideia é deixar que a própria Maria conte sobre sua história, sem uma angulação específica, já que a idosa por vezes não consegue articular os argumentos.
PERGUNTAS: Na entrevista com Maria, o foco será escutar sobre sua história, deixando-a livre para falar sobre todos os temas, sem um roteiro específico de perguntas.

ANEXO 5 - PAUTA 5

PAUTA ENTREVISTA
ENTREVISTADO/A: Luiz Diogo
INFORMAÇÕES PRELIMINARES: Luiz Diogo tem 82 anos e mora no Lar Santa Maria desde fevereiro de 2021. O idoso chegou ao lar depois de sua casa, localizada em Mariana, ser interditada pela Prefeitura de Mariana. O Sr. Luiz acredita que irá voltar para casa quando a reforma acabar, entretanto ele já foi institucionalizado com o aval da família. Segundo a coordenação do Lar Santa Maria, o idoso viveu quase toda a vida na roça, e suas histórias falam muito sobre esse tempo.
ÊNFASES/Angulação: A vida no interior
PERGUNTAS: <ul style="list-style-type: none">- Em qual cidade o Sr. nasceu e viveu na infância ?- O que gostava de fazer ?- Qual o trabalho no interior que mais gostava de fazer ?- O Sr. viveu toda a vida no interior ?- O que mais gosta na roça ?- Quais os seus maiores hobbies ?- O Sr. foi casado ?- Como era a relação com a família ?- Como chegou ao Lar Santa Maria ?

ANEXO 6 - Roteiro Episódio 1 - Esperança

Narrador	OLÁ/ EU QUERO TE PEDIR QUE ANTES GENTE COMECE/ VOCÊ FAÇA UM PROCESSO DE REFLEXÃO// QUANDO VOCÊ PENSA EM IDOSOS QUE MORAM EM LARES COMUNITÁRIOS/ QUE SÃO CONHECIDOS POR AÍ COMO ASILOS/ QUAIS SÃO AS PRIMEIRAS IMAGENS QUE VÊM NA SUA MENTE?
SILENCIO	QUAIS AS PRINCIPAIS PERSONALIDADES QUE VOCÊ RAPIDAMENTE IMAGINA AO LEMBRAR DESTES IDOSOS?
Narrador	<p>HMM../PODE SER QUE VOCÊ TENHA IMAGINADO VÁRIOS VELHINHOS QUE CHEGARAM LÁ POR ALGUM MOTIVO ESPECÍFICO QUE VOCÊ AINDA NÃO SAIBA DEFINIR/ ALGUNS UM POUCO CARENTES/ OUTROS QUE SÃO UM POUCO MAIS SÉRIOS// ACERTEI ?</p> <p>É../ TALVEZ ESSA POSSA SER UMA DAS REALIDADES/ MAS JÁ PAROU PRA PENSAR QUE CADA UM DELES TEM UMA HISTÓRIA DE VIDA LONGA O BASTANTE E QUE COMEÇA BEEEEEEM ANTES DE QUANDO SE TORNARAM MORADORES DESSES LOCAIS?</p> <p>IMAGINE SÓ, SE UM DESSES IDOSOS TEM 70 ANOS E A 10 SE TORNOU INSTITUCIONALIZADO/</p> <p>SOBRAM AÍ 60 ANOS DE HISTÓRIA/ ANTES DO PROCESSO DE ENTRADA DELES NESSES ESPAÇOS//</p> <p>MUITO TEMPO, NÃO ? JÁ PAROU PARA PENSAR QUANTA COISA DÁ PARA ACONTECER EM 50/ 60 ANOS/ 70 ANOS ??//</p> <p>É.. EU NÃO SEI QUANTOS ANOS VOCÊ TEM HOJE/ MAS ACREDITO QUE SE EU TE PERGUNTAR: ME CONTA UMA HISTÓRIA DA SUA VIDA// VOCÊ JÁ TENHA MUITAS SITUAÇÕES PARA COMPARTILHAR COMIGO//</p>

	<p>UMA COISA POSSO AFIRMAR// VOCÊ JÁ PASSOU MOMENTOS DE ALEGRIA, DE TRISTEZA, DE SAUDADE/ DE AMOR E DE ESPERANÇA/</p> <p>OLHA...TODOS ESSES IDOSOS TAMBÉM// E POSSO TE GARANTIR QUE ELES TÊM MUITO O QUE CONTAR//</p> <p>SÃO NESSAS HISTÓRIAS DE VIDA/ MAIS ESPECIFICAMENTE ENCONTRADAS DENTRO DO LAR SANTA MARIA/ NA CIDADE DE MARIANA/ A PRIMEIRA DO ESTADO DE MINAS GERAIS// QUE VAMOS MERGULHAR JUNTOS A PARTIR DESSE EPISÓDIO//</p> <p>O MEU PAPEL AQUI É AMPLIFICAR ESSAS HISTÓRIAS E FAZER COM QUE ESSAS VOZES SEJAM ESCUTADAS//</p> <p>MEU NOME É YURI SIMÕES E SEJA BEM VINDO AO PODCAST VIDAS (IN)VISÍVEIS</p>
Audio dele	<p>CORAGEM, AVENTURA, DEPENDÊNCIA E MARAVILHOSA//</p> <p>QUEM VOCÊ ACABOU DE ESCUTAR FOI O JOÃO EUSTÁQUIO. ESSAS PALAVRAS FOI COMO ELE DESCREVEU AS PRINCIPAIS FASES DA SUA VIDA//</p> <p>EU/ DESCREVERIA TODA A HISTÓRIA QUE VAMOS ESCUTAR AQUI COM ALGUMAS PALAVRAS/ JÁ TE DANDO AQUELE PEQUENO SPOILER: VAMOS OUVIR SOBRE UMA INFÂNCIA DIFÍCIL, UMA VIDA CHEIA DE SONHOS/ AMORES AVASSALADORES MAS AINDA ASSIM PASSAGEIROS// UMA TRÁGEDIA E UMA ESPERANÇA QUE SEGUE VIVA//</p> <p>NESSE EPISÓDIO VAMOS CONHECER O TAQUINHO</p>
Audio dele	<p>pode chamar de taquinho que tá na mídia</p>

Narrador	<p>POR CONTA DA PANDEMIA DA COVID-19 MINHA CONVERSA COM ELE FOI FEITA TOTALMENTE ONLINE// MESMO COM AS FALHAS DA IMAGEM POR CONTA DA CONEXÃO INSTÁVEL/ CONSIGO DESCREVER PRA VOCÊS TAQUINHO COMO UM SENHOR COM O SEMBLANTE MEIO TÍMIDO NO INÍCIO/ MAS QUE COM ALGUMAS POUCAS PALAVRAS JÁ VAI SE SOLTANDO// E AÍ/ SE TORNA UM POÇO DE HISTÓRIAS SOBRE SUAS VIVÊNCIAS EM MARIANA E OURO PRETO//</p>
Narrador	<p>ELE SE ANIMOU QUANDO FALEI QUE QUERIA ESCUTAR SOBRE A VIDA DELE//</p>
Audio	<p>FALAR SOBRE MINHA VIDA ? EU TENHO MUITA HISTÓRIA PRA CONTAR DE MARIANA/ MUITA COISA PARA CONTAR// FOI UMA VIDA POBRE MAS BOA</p>
Narrador	<p>É NORMAL A GENTE PERGUNTAR PARA AS CRIANÇAS “O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER” ?// QUANDO JOVEM O SEU TAQUINHO TAMBÉM TINHA EM MENTE TER UMA PROFISSÃO BEM DIFERENTE DO QUE ELE ACABOU POR EXERCER AO LONGO DA VIDA//</p>
Audio	<p>Eu tinha um sonho né que a rotina do dia a dia.....estudar música bastante.....infelizmente não deu....</p>
Narrador	<p>A CORAGEM/ QUE SEU TAQUINHO DISSE LÁ NO COMEÇO FOI PONTO DETERMINANTE NA CONSTRUÇÃO DA SUA HISTÓRIA// ELE CONTA QUE TEVE UMA INFÂNCIA DIFÍCIL E QUE ESSE FOI UM DOS MOTIVOS DE NÃO TER CONSEGUIDO ALCANÇAR SEU SONHO//</p> <p>AQUI/ A GENTE PAUSA UM POUQUINHO E REPARA BEM NA FALA DELE// ENQUANTO ELE ME CONTA SOBRE SEUS SONHOS, SUA INFÂNCIA E COMO ELE ANDAVA DE LÁ PRA CÁ EU REPARO QUE ELE ESTÁ SENTADO EM UMA CADEIRA DE RODAS//</p>

	<p>ELE AINDA NÃO ME CONTOU COMO CHEGOU ATÉ ESSE PONTO OU COMO FOI PARAR ALÍ//</p> <p>MAS SIGO NA CONVERSA E ELE DIZ QUE MESMO COM AS DIFICULDADES/ ELE SE DIVERTIA/</p> <p>ah eu gostava muito do roberto carlos.....conta do cinema etc</p>
<p>Audio dele</p> <p>Narrador</p>	<p>SEGUI A CONVERSA COM TAQUINHO E ENTÃO ELE ME REVELOU UM OUTRO SONHO QUE NÃO HAVIA ME CONTADO ANTES/ MAS QUE ME CHAMOU BASTANTE A ATENÇÃO//</p> <p>ESSAS MEMÓRIAS CONSTRUÍRAM PARTE DA VIDA DE SEU TAQUINHO//</p> <p>MAS VOCÊ LEMBRA COMO ELE DESCREVEU SUA VIDA ADULTA ?</p> <p>AVENTURA/ AVENTUREIRO</p>
<p>Audio dele</p> <p>Narrador</p>	<p>MAS ALGUMAS DESSAS AVENTURAS ELE NÃO QUIS CONTAR//</p> <p>ESSAS AVENTURAS COMEÇAM QUANDO ELE AINDA ERA JOVEM// E DE FORMA DESCONTRAÍDA ELE CONTA POR QUE SE CASOU CEDO//</p>
<p>NARRADOR</p>	
<p>NARRADOR</p> <p>AUDIO DELE CONTANDO</p>	<p>ELE ME CONTOU QUE FOI CASADO POR MAIS DE 40 ANOS// TEVE 5 FILHOS// MAS FOI POR SUA SEGUNDA “COMPANHEIRA” COMO ELE MESMO DIZ// QUE O SEU TAQUINHO GASTOU MAIS TEMPO FALANDO//</p> <p>A PERDA DE ROSILENE FEZ COM AS COISAS COMEÇASSEM A FICAR DIFÍCEIS PARA ELE// E ENTÃO/ A GENTE COMEÇA A CHEGAR MAIS PERTO DOS PONTOS MAIS ATUAIS DESSA HISTÓRIA//</p>

NARRADOR	<p>APÓS PASSAR O PERÍODO NA CASA DE REABILITAÇÃO ELE VOLTOU A MORAR SOZINHO/ E FOI UM DIA VOLTANDO PARA CASA QUE SUA VIDA MUDOU TOTALMENTE//</p>
NARRADOR	<p>ÓH/ VOCÊS ESCUTARAM QUE ELE DISSE QUE FOI DOBRADO/ QUE SIGNIFICA TER SIDO ENGANADO DE UMA MANEIRA MAIS SÚTIL// ENTÃO EU PERGUNTEI PRA ELE// COMO ASSIM O SENHOR FOI DOBRADO ?</p>
NARRADOR	<p>ele falando que as filhas deixaram ele lá</p>
Audio dele	<p>PERGUNTEI ELE SOBRE A RELAÇÃO COM OS FILHOS//</p>
Narrador	
Audio dele	<p>ESSA FALTA DE CONTATO// NÃO SÓ COM OS FILHOS/ MAS TAMBÉM COM AS OUTRAS VISITAS QUE JÁ NÃO PODEM MAIS ACONTECER/ SOMADAS COM AS OUTRAS SITUAÇÕES QUE CERCAM A VIDA DE UM IDOSO</p>
Narrador	<p>INSTITUCIONALIZADO// TAQUINHO DEFINE SUA VELHICE COM UMA PALAVRA//</p> <p>LEMBRA LÁ ATRÁS QUANDO EU FALEI DE UMA ESPERANÇA QUE AINDA É PRESENÇA DIÁRIA NA VIDA DO SEU TAQUINHO ?</p>

Narrador

ELE SEGUE MANTENDO ESSE SONHO DE PODER IR EMBORA DO LAR/ MAS ENQUANTO O SEU TAQUINHO NÃO CONSEGUE ALGUÉM PARA O ACOMPANHAR/ ELE MANTEM BOAS AMIZADES NO LAR SANTA MARIA// ENTRE ELAS/ UMA EM ESPECIAL

E ENTÃO/ ELE CONTINUA

CALDO DE MOCOTÓ

O SEU TAQUINHO CONTINUA MORANDO NO LAR SANTA MARIA//
E É DE LÁ/ QUE ELE CONTINUA MANTENDO UMA ESPERANÇA VÍVIDA/ COM MUITOS SONHOS PELA FRENTE E E CONSTRUINDO DIA A DIA MUITAS OUTRAS HISTÓRIAS ///

ESSE EPISÓDIO FOI PRODUZIDO NA DISCIPLINA DE JORNALISMO BIOGRÁFICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO//

AS GRAVAÇÕES COM O IDOSO FORAM REALIZADAS DE FORMA REMOTA COM AUXÍLIO DA DIREÇÃO DO LAR SANTA MARIA//

O ROTEIRO/ A ENTREVISTA/ A EDIÇÃO E A LOCUÇÃO FOI FEITA POR MIM/ YURI SIMÕES//

ANEXO 7 - Roteiro Episódio 2 - Renascimento

Narrador	<p>OLÁ! JÁ PAROU PARA PENSAR QUANTA COISA DÁ PRA ACONTECER EM 50/ 60/ 70 ANOS?</p>
Narrador	<p>NO EPISÓDIO ANTERIOR/ ESCUTAMOS SOBRE AS HISTÓRIAS DO JOÃO EUSTÁQUIO/ O SEU TAQUINHO// AGORA VAMOS NOVAMENTE ADENTRAR EM OUTRAS HISTÓRIAS DE VIDA/ MAIS ESPECIFICAMENTE ENCONTRADAS DENTRO DO LAR COMUNITÁRIO SANTA MARIA/ NA CIDADE DE MARIANA/ A PRIMEIRA DO ESTADO DE MINAS GERAIS//</p> <p>O MEU PAPEL AQUI É AMPLIFICAR ESSAS HISTÓRIAS E FAZER COM QUE ESSAS VOZES SEJAM ESCUTADAS//</p> <p>MEU NOME É YURI SIMÕES E VOCÊ ESCUTA AGORA AO SEGUNDO EPISÓDIO DO PODCAST VIDAS INVISÍVEIS.</p>
ÁUDIO DONA ALDA CANTANDO	<p>QUEM VOCÊ ACABOU DE ESCUTAR NESSA CANTORIA TODA FOI A DONA ALDA// UMA SENHORINHA NA CASA DOS 80 ANOS.</p> <p>ASSIM COMO OS PERSONAGENS DA MÚSICA QUE ELA CANTOU/ A DONA ALDA IRÁ TIRAR DA MEMÓRIA SUAS HISTÓRIAS/ E POSSO TE GARANTIR/ VAMOS RIR/ NOS EMOCIONAR/ E PRINCIPALMENTE CONHECER UMA MULHER MUITO FORTE QUE CONSEGUIU SUPERAR DIVERSOS DESAFIOS/ FICANDO ATÉ MESMO SEM FALAR/ E PRATICAMENTE RENASCENDO POR MAIS DE UMA VEZ/ NA VERDADE/ POR TRÊS VEZES//</p>

Áudio D. Alda contando sobre a infância	NO PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST VIDAS INVISÍVEIS VAMOS CONHECER A DONA ALDA/
Narrador	POR CONTA DA IDADE DA MÃE/ ALDA JÁ NASCEU ENFRENTANDO SEU PRIMEIRO DESAFIO PELA VIDA
Áudio dela contando sobre seu nascimento	
Narrador	MESMO COM OS PROBLEMAS DURANTE SEU NASCIMENTO/ DONA ALDA FOI UMA CRIANÇA SAUDÁVEL/ E COMO ELA MESMA DIZ/ MUITO LEVADA//
Áudio Dona alda	
Narrador	E SE VOCÊ ESTIVER PENSANDO QUE DEPOIS DA INFÂNCIA ALDA DEIXOU DE TER UM PENSAMENTO FORTE/ ELA CONTA QUE NÃO//
Áudio Dona Alda	
Narrador	ELA ME CONTOU QUE NUNCA TEVE FILHOS/ E

<p>Áudio Dona Alda</p>	<p>ENTÃO PERGUNTEI A ELA O MOTIVO//</p>
<p>Narrador</p>	<p>DONA ALDA ENTÃO ME CONTOU DE ALGUNS DOS SEUS NAMORADOS/</p>
<p>Áudio Dona Alda</p>	
<p>Narrador</p>	<p>PERGUNTEI A DONA ALDA SE JÁ TEVE VONTADE DE CASAR/ E A RESPOSTA DELA ME SURPREENDEU/ TRAZENDO MAIS UM PERSONAGEM PRA ESSA HISTÓRIA</p>
<p>Áudio Dona Alda</p>	
<p>Narrador</p>	<p>QUIS SABER MAIS SOBRE ANTÔNIO LEITE/ O ÚNICO QUE ELA CASARIA// MAS ACABEI DESCOBRINDO QUE DESTINO NÃO FOI TÃO GENEROSO COM ELES//</p>
<p>Aúdio Dona Alda</p>	
<p>Narrador</p>	<p>E NESSA IDA A SÃO PAULO/ SEM AS TECNOLOGIAS QUE CONHECEMOS HOJE /DONA ALDA ACABOU PERDENDO O CONTATO COM ANTONIO LEITE/ PORÉM DEPOIS DE UM TEMPO RECEBEU UMA CARTA</p>
<p>Áudio Dona Alda</p>	<p>ÔH ALDA//</p>
<p>NARRAÇÃO CARTA</p>	<p>COMO ESTÃO AS COISAS POR AÍ EM SÃO PAULO? //</p> <p>ESSA SEMANA TEVE BAILE AQUI EM OURO PRETO/ ADIVINHA QUEM CHEGOU AQUI TE PROCURANDO?// O ANTONIO LEITE!!!</p> <p>FALARAM COM ELE QUE VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI/ E QUE ESTAVA AÍ EM SÃO PAULO//</p> <p>ME DISSERAM QUE ELE ACABOU FICANDO NO BAILE E ATÉ DANÇOU COM UMA DAS NOSSAS COLEGAS/</p> <p>PARECE QUE ELA ESTAVA QUERENDO NAMORAR</p>

	<p>E CHEGOU ATÉ A VISITAR A CASA DA MÃE DELE LÁ EM OURO PRETO/ FIQUEI SABENDO QUE ELA FOI PRA LÁ COM A TIA DELA QUE TAVA NAMORANDO COM O TIO DO ANTONIO LEITE// MAS VOCÊ NÃO VAI ACREDITAR NO QUE ACONTECEU//</p> <p>ME FALARAM QUE QUANDO ELA DISSE QUE ERA AQUI DO SANTO ANTONIO// A MÃE DO ANTONIO LEITE NÃO SABIA QUE ELA TAVA QUERENDO NAMORO E DISSE PRA ELA ASSIM://</p> <p>NOSSA MAS NÃO ACREDITO QUE VOCÊS SÃO DO SANTO ANTONIO// O ANTONIO LEITE É APAIXONADO COM UMA MOÇA DE LÁ/ CHEGOU ATÉ A IR PROCURAR ELA NO BAILE MAS DISSERAM QUE ELA ESTAVA EM SÃO PAULO// COITADINHO PARECE QUE PERDEU CONTATO COM ELA//</p> <p>AÍ DEPOIS DISSO ELAS FICARAM MUITO SEM GRAÇA E FORAM EMBORA//</p> <p>ESPERO QUE AS COISAS ESTEJAM BEM POR AÍ// ASSIM QUE EU PUDER VOLTO A TE ESCREVER// FICA COM DEUS/ BEIJOS/</p>
Narrador	<p>E O DESTINO TRATOU DE COLOCAR OS DOIS UM PERTO DO OUTRO NOVAMENTE/ MAS NÃO DA MANEIRA QUE ESPERAVÁAMOS///</p>
Narrador	<p>MAS SE VOCÊ PENSA QUE NÃO TER MAIS A MÃE/ FILHOS OU UM MARIDO FOI UM PROBLEMA PARA A DONA ALDA/ VOCÊ ESTÁ MUITO ERRADO//</p>
Dona Alda	
Narrador	<p>LEMBRA QUANDO EU DISSE QUE DONA ALDA</p>

<p>Dona Alda contando sobre o acidente</p>	<p>PRATICAMENTE RENASCEU MAIS DE UMA VEZ ?/ UMA FOI QUANDO TINHA ACABADO DE NASCER/ A SEGUNDA VEIO A TONA// / QUANDO ELA DISSE QUE CONTINUOU A VIDA NORMALMENTE/ PORÉM DE MULETAS/</p>
<p>Narrador</p>	<p>SEMPRE LEVANDO A VIDA COM BOM HUMOR/ ALDA CONTOU QUE ADORAVA CANTAR E ATÉ MESMO COMPOR// ENGAJADA POLITICAMENTE/ ELA FALA SOBRE UMA MÚSICA QUE COMPÔS//</p>
<p>Áudio Dona Alda com a música composta para a política</p>	
<p>Narrador</p>	<p>ATÉ AQUI/ A VIDA DA DONA ALDA JÁ HAVIA PASSADO POR ALTOS E BAIXOS// MAS DEPOIS DE 32 ANOS MORANDO SOZINHA// UM DIA/ ELA PRECISOU REFAZER TODA SUA VIDA// E MAIS UMA VEZ/ RENASCEU//</p>
<p>Áudio Dona Alda contando sobre a chegada no Lar</p>	
<p>Narrador</p>	<p>E FOI NESSA ÉPOCA/ APÓS O ACIDENTE/ QUE DONA ALDA NÃO CONSEGUIA FALAR/ PORÉM/ MAIS UMA VEZ ELA DEU A VOLTA POR CIMA//</p>
<p>Aúdio Dona Alda contando sobre a volta a falar</p>	
<p>Narrador</p>	<p>APÓS A CHEGADA NO LAR/ DONA ALDA NÃO PERDEU SUA ESSÊNCIA/ PORÉM/ O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO ACABA FAZENDO COM OS IDOSOS TENHAM QUE ACEITAR UMA NOVA VIDA/ AS VEZES/ MUITO DIFERENTE DA QUE COSTUMAVAM CONHECER</p>
<p>Dona Alda contando das roupas</p>	

<p>Narrador</p> <p>Aúdio Dona Alda falando sobre sua vida</p>	<p>PORÉM/ MESMO COM TODOS OS PROBLEMAS ENFRENTADOS ATÉ HOJE/ DONA ALDA CONTINUA SEGUINDO SUA VIDA SEM TIRAR O SORRISO DO ROSTO/VIVENDO NO LAR SANTA MARIA E CONTINUANDO A TRILHAR A SUA HISTÓRIA QUE COM CERTEZA NÃO ACABA POR AQUI</p> <p>O PODCAST VIDAS INVISÍVEIS FOI PRODUZIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA GRADUAÇÃO EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO</p> <p>A ENTREVISTA/ O ROTEIRO E A EDIÇÃO FORAM REALIZADAS POR MIM/ YURI SIMÕES</p> <p>DEVIDO A PANDEMIA DA COVID-19 A GRAVAÇÃO DOS ÁUDIOS FOI REALIZADA DE FORMA REMOTA/ EM PARCERIA COM O LAR SANTA MARIA//</p>
--	---

ANEXO 8 - Roteiro Episódio 3 - Trabalho

Narrador	<p>OLÁ/ É PROVÁVEL QUE VOCÊ JÁ TENHA OUVIDO POR AÍ AQUELE FAMOSO DITADO POPULAR// O TRABALHO EDIFICA O HOMEM//</p> <p>EU POR EXEMPLO ESCUTO ISSO A MUITO TEMPO/ MAS VOCÊ PODE ESTAR SE PERGUNTANDO/ POR QUE ELE ESTÁ FALANDO ISSO ?</p> <p>COMO JÁ VIMOS NOS DOIS ÚLTIMOS EPISÓDIOS/ OS IDOSOS QUE MORAM EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA/ COMO O LAR SANTA MARIA EM MARIANA/ NA MAIORIA DAS VEZES TINHAM VIDAS TOTALMENTE ATIVAS/</p> <p>ANTES DE ENTRAREM NA INSTITUIÇÃO/ ESTUDARAM/ AS VEZES CASARAM/ E NA MAIORIA DAS VEZES TRABALHARAM E MUITO//</p> <p>NO TERCEIRO EPISÓDIO DO PODCAST VIDAS INVISÍVEIS/ VAMOS CONHECER NÃO SÓ UMA HISTÓRIA/ MAS DE DUAS PESSOAS QUE TIVERAM VIDAS BEM DISTINTAS/ TRABALHARAM COM COISAS DIFERENTES/ E NASCERAM EM LUGARES BEM DISTANTES UM DO OUTRO//</p> <p>PORÉM AMBOS TEM ALGO EM COMUM/ TRABALHARAM MUITO/ TEM MUITA SAUDADE DISSO E HOJE SÃO MORADORES DO LAR SANTA MARIA//</p>
Aúdio Luiz Diogo e Dona Vera	<p>“eu não sei fazer nada aqui em cidade (...) voltar pra roça” // “eu gosto é de fazer salgado (...) eu vivo disso”</p>
Narrador	<p>MEU NOME É YURI SIMÕES E NESSE EPISÓDIO VAMOS ESCUTAR AS HISTÓRIAS DE VIDA DO SEU LUIZ DIOGO E DONA VERA LÚCIA</p>
Áudio Luiz Diogo	<p>“eu nasci em diogo de vasconcelos (..)”</p>
Dona Vera	<p>“eu sou de Petrópolis”</p>

Narrador	É// COMO VOCÊS JÁ CONSEGUEM PERCEBER AS HISTÓRIAS DOS DOIS SÃO MUITO DIFERENTES// O SENHOR LUIZ DIOGO SEMPRE GOSTOU DA ROÇA E DONA VERA/ GOSTAVA É MESMO É DE COZINHAR//
Áudio Luiz Diogo	“gostava de montar a cavalo (...) gostava e gosto”
Áudio Dona Vera	“gostava de fazer comidinha (...) só lembro de adulta”
Narrador	A DONA VERA DISSE QUE NÃO LEMBRA NADA INFÂNCIA// MAS ELA ACABOU ME RELEVANDO UMA SITUAÇÃO QUE A MARCOU MUITO QUANDO AINDA ERA JOVEM
Áudio Dona Vera	“uma coisa que me marcou (...) cada um tinha sua vida”
Narrador	ELA DISSE QUE QUEM A CRIOU FOI A VÓ/ ENTÃO PERGUNTEI SOBRE ESSA RELAÇÃO//
Áudio Dona Vera	“morava com minha avó (...) faleceu antes”
	ANTES DE ENTRARMOS NA HISTÓRIA DO CASAMENTO DA DONA VERA/ VAMOS VOLTAR PRO INTERIOR DE MINAS GERAIS/ POR QUE QUANDO ERA MAIS NOVO/ O SENHOR LUIZ DIOGO JÁ TRABALHAVA BASTANTE NA ROÇA//
Áudio Luiz Diogo	“morava na fazenda mesmo (...) o que sobrava vendia”
	PORÉM, MESMO GOSTANDO MUITO DA VIDA NA ROÇA/ NO COMEÇO DOS ANOS 1950 ELE TEVE QUE SAIR DA FAZENDA DA FAMÍLIA//
Áudio Luiz Diogo	“tinha muita briga (...) o mesmo que eu fazia na nossa eu fazia lá também”
Narrador	EM 1957 O SENHOR LUIZ DIOGO VOLTOU PARA A FAZENDA DA FAMÍLIA/ MAS DE ACORDO COM ELE/ NÃO ERA BEM PRA LÁ QUE ELE QUERIA

	VOLTAR//
Áudio Luiz Diogo	“eu fui servir o exército (...) aí voltei pra fazenda”
Narrador	ASSIM COMO O SENHOR LUIZ/ A DONA VERA TAMBÉM CONTOU QUE COMEÇOU A TRABALHAR QUANDO TINHA SEUS 13 ANOS/ LÁ EM PETRÓPOLIS//
Áudio Dona Vera	“eu tinha prazer de trabalhar (...) eu amava aquilo”
Narrador	LEMBRA QUANDO A DONA VERA IA CONTAR SOBRE O CASAMENTO DELA E EU ACABEI INTERROMPENDO? POIS É/ AGORA CHEGAMOS NESSE PONTO DA HISTÓRIA/ DE UM AMOR QUE MESMO DEPOIS DE FISICAMENTE TERMINADO/ CONTINUA VIVO//
Áudio Dona Vera	“namorei uns 4 anos (...) e não consegui viver com mais ninguém”
Narrador	E ELA CONTINUA ATÉ HOJE USANDO A ALIANÇA DO SEU MARIDO NO DEDO// O SEU LUIZ DIOGO TAMBÉM FOI CASADO// HOJE EM DIA/ ELE É DIVORCIADO/ SUA EX-ESPOSA CONTINUA VIVA/ E ELE CONTA COMO FOI SEU CASAMENTO//
Áudio Luiz Diogo	“a gente deve ter a mesma idade (...) 43 ela deve ter agora”
Narrador	É AQUI O SEU LUIZ DEU UMA DIMINUÍDA NA IDADE EM PELO MENOS UNS 40 ANOS/ HOJE EM DIA ELE TEM 83 E SUA EX-ESPOSA TAMBÉM DEVE ESTAR NUMA IDADE PRÓXIMA// MAS/ VAMOS CONTINUAR
Áudio Luiz Diogo	“ela é aqui de cachoeira (...) são meus filhos”
Narrador	DEPOIS DE SEUS CASAMENTOS/ VERA E LUIZ DIOGO TIVERAM QUE NOVAMENTE MUDAR O RUMO DE SUAS VIDAS/ INCLUSIVE/ FOI NESSA

<p>Áudio Dona Vera</p>	<p>ÉPOCA QUE A DONA VERA CHEGOU EM MINAS GERAIS/ PRA FAZER O QUE MAIS GOSTAVA//</p>
<p>Narrador</p>	<p>“tô passada da minha terra a muitos anos (...) era macarronada”</p>
<p>Áudio Dona Vera</p>	<p>INFELIZMENTE/ ELA TEVE QUE FECHAR O RESTAURANTE// MAS NÃO SIGNIFICOU PARAR DE TRABALHAR// INCLUSIVE// TEM ALGUNS DIAS QUE ELA AFIRMA CONVICTAMENTE QUE TRABALHA ATÉ HOJE//</p>
<p>Narrador</p>	<p>“meu esposo faleceu (...) trabalho até hoje”</p>
<p>Áudio Luiz Diogo</p>	<p>COM O SENHOR LUIZ/ NO AUGE DOS SEUS 82 ANOS ÀS VEZES ACONTECE A MESMA COISA/ MAS ANTES DISSO/ ELE CONTOU COMO TEVE QUE TRABALHAR DEPOIS QUE SAIU DA ROÇA// E AINDA REVELOU UM SONHO//</p>
<p>Narrador</p>	<p>“mudei pra mariana (...) era isso que eu sei fazer”</p>
<p>Áudio Luiz Diogo</p>	<p>POIS É/ EU HAVIA FALADO QUE AS DUAS HISTÓRIAS SE CONECTAVAM COM A FORÇA TRABALHADORA QUE OS DOIS TIVERAM DURANTE TODA A VIDA//</p> <p>ATUALMENTE/ O SEU LUIZ DIOGO E A DONA VERA SÃO MORADORES DO LAR SANTA MARIA// ELE CONTA COMO CHEGOU LÁ</p>
<p>Áudio Dona Vera</p>	<p>“cheguei aqui por acaso né (...) vou voltar”</p>
<p>Narrador</p>	<p>PORÉM/ AS VEZES ELES ACABAM CONFUNDINDO AS COISAS//</p> <p>“inclusive eu moro com minha filha (...) cuido da limpeza aqui”</p> <p>E PARA QUEM TRABALHOU DURANTE TODA A VIDA// TIRAR UM MOMENTO PARA DESCANSAR/ ESTANDO NA CASA DOS 70/ 80/ ANDANDO POR AÍ COM UMA BENGALA// PARECE NÃO SER UMA OPÇÃO//</p>

<p>Áudio Luiz Diogo</p> <p>Narrador</p>	<p>“vou limpar uma lavoura de café (...) cai no chão”</p> <p>TANTO A DONA VERA QUANTO O SENHOR LUIZ DIOGO CONTINUAM MORANDO NO LAR SANTA MARIA// A HISTÓRIA DE VIDA DELES CONTINUA SENDO ESCRITA// COM UM POUCO MENOS DE TRABALHO/ MAS COM MUITA ESPERANÇA E FORÇA DE VONTADE//</p> <p>O PODCAST VIDAS INVISÍVEIS FOI PRODUZIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA GRADUAÇÃO EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO</p> <p>A ENTREVISTA/ O ROTEIRO E A EDIÇÃO FORAM REALIZADAS POR MIM/ YURI SIMÕES</p> <p>DEVIDO A PANDEMIA DA COVID-19 A GRAVAÇÃO DOS ÁUDIOS FOI REALIZADA DE FORMA REMOTA/ EM PARCERIA COM O LAR SANTA MARIA//</p>
---	--

ANEXO 9 - Episódio 4 - Acolhimento

Narrador	OLÁ/ ANTES DA GENTE COMEÇAR QUERO TE LEMBRAR QUE NOSSO PODCAST TAMBÉM ESTÁ NAS REDES SOCIAIS/ SIGA @VIDASINVISIVEISPODCAST NO INSTAGRAM E TENHA ACESSO A FOTOS E VÍDEOS DOS IDOSOS QUE NARRARAM NOSSOS EPISÓDIOS//
Narrador	<p>NOS EPISÓDIOS ANTERIORES ESCUTAMOS AS HISTÓRIAS DE MULHERES E HOMENS QUE VIVEM NO LAR COMUNITÁRIO SANTA MARIA/ NA CIDADE DE MARIANA/ EM MINAS GERAIS// OUVIMOS E CONHECEMOS HISTÓRIAS DE ESPERANÇA, RENASCIMENTO E TAMBÉM DE MUITO TRABALHO//</p> <p>TIVEMOS A OPORTUNIDADE DE ENTENDER QUE A VIDA DE IDOSOS MORADORES DE INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA VÃO MUITO ALÉM DE UM OLHAR ESTEREOTIPADO QUE GRANDE PARTE DA SOCIEDADE AINDA MANTÉM//</p> <p>AGORA/ NO ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE/ VAMOS CONHECER UMA HISTÓRIA QUE IRÁ DEIXAR CLARO QUE PARA ALÉM DE UM LOCAL DE ABRIGO// OS LARES COMUNITÁRIOS SÃO TAMBÉM SINÔNIMO DE ACOLHIMENTO//</p> <p>O ÚLTIMO EPISÓDIO DO PODCAST VIDAS INVISÍVEIS APRESENTA A HISTÓRIA DA DONA MARIA DE JESUS</p>
Áudio Maria	“Você quer que eu conte minha vida pra você?”
Narrador	CONSEGUI VER PELA IMAGEM DO COMPUTADOR QUE DIFERENTE DOS IDOSOS QUE CONVERSEI NOS EPISÓDIOS ANTERIORES/ A DONA MARIA É MAIS JOVEM/ ENTÃO PERGUNTEI QUAL A IDADE DELA//
Áudio Maria	“Só minha mãe Teresa que sabe”

Narrador	A TERESA, QUE A DONA MARIA DISSE QUE É A MÃE DELA/ NA VERDADE É A ASSISTENTE SOCIAL E COORDENADORA DAS OBRAS SOCIAIS DO QUAL O LAR SANTA MARIA FAZ PARTE// PARA A MARIA DE JESUS A MÃE TERESA É MUITO ESPECIAL//
Áudio Maria	“Teresa é uma mãe pra mim”
Narrador	VEZ OU OUTRA A GENTE VAI ESCUTAR UM POUQUINHO DA VERSÃO DA TERESA PARA COISAS QUE A DONA MARIA NÃO SOUBER EXPLICAR COM TANTA CERTEZA/ A PRIMEIRA DELAS/ É SOBRE A IDADE//
Áudio Teresa	“A Maria não é uma idosa”
Narrador	VOLTANDO NA MINHA CONVERSA COM A MARIA ELA COMEÇOU A ME CONTAR SOBRE A VIDA DELA/ INICIANDO LÁ ATRÁS QUANDO/ DE ACORDO COM ELA/ A CEGONHA A ENTREGOU//
Áudio Maria	“Eu sou de Pinheiros altos”
Narrador	ELA ME DISSE QUE NÃO TEM SAÚDE// ANTES MESMO QUE EU A PERGUNTASSE ALGUMA COISA A RESPEITO ELA JÁ COMEÇOU A ME CONTAR//
Áudio Maria	“Meu pé era todo virado”
Narrador	LEMBRA QUANDO LÁ NO INÍCIO EU FALEI QUE ESSA SERIA UMA HISTÓRIA DE ACOLHIMENTO ? POIS ENTÃO// A PARTIR DE AGORA VAMOS ESCUTAR DA MARIA SOBRE VÁRIAS PESSOAS QUE A ACOLHERAM NO DECORRER DA VIDA// UMA DESSAS PESSOAS FOI A EFIGÊNIA/ QUE COMO VOCÊS PUDEAM OUVIR ELA DISSE SER

Áudio Maria	<p>UMA DE SUAS MÃES//</p> <p>EFIGÊNIA É UMA DAS FUNCIONÁRIAS DO LAR SANTA MARIA/ E A DONA MARIA CONTA SOBRE ELA COM MUITO CARINHO/</p>
Narrador	<p>ALÉM DAS FUNCIONÁRIAS DO LAR/ QUE A MARIA FALA COM MUITO AFETO/ ELA TAMBÉM ME CONTOU DA SUA RELAÇÃO COM ROSÂNGELA/ UMA DAS PESSOAS QUE A ACOLHEU POR UM TEMPO ANTES DE CHEGAR AO LAR//</p>
Áudio Maria	<p>“A Rosângela do aguinaldo, afilhado da minha mãe”</p>
Narrador	<p>ENQUANTO CONTAVA DAS VÁRIAS PESSOAS QUE PASSARAM POR ELA NA VIDA/ A MARIA LEMBRA DE SUA MÃE BIOLÓGICA</p>
Áudio Maria	<p>“Minha mãe que era viva chamava Luciana”</p>
Narrador	<p>FALANDO EM NAMORAR/ SE VOCÊ ESTIVER PENSANDO QUE A DONA MARIA DESISTIU DE ARRUMAR UM PARCEIRO/ VOCÊ TÁ SE ENGANANDO</p>
Áudio Maria	<p>“Minha mãe que era viva chamava Luciana”</p>
Narrador	<p>É/ EU FALEI COM ELA NÃO CONSEGUIRIA/ MAS PARECE QUE ISSO NÃO FOI UM PROBLEMA/ INCLUSIVE/ A PARTIR DAÍ ELA COMEÇOU ME CONTAR DE OUTROS AMIGOS QUE ELA FEZ//</p>
Áudio Maria	<p>“Tem o Wilson do hospital”</p>
Narrador	<p>ENTÃO EU PERGUNTEI PRA ELA QUAL O ASSUNTO DA CARTINHA/ E EU ME SURPREENDI</p>
Áudio Maria	<p>“Aí você escreve assim: amor”</p>

Narrador	E NÃO PAROU POR AÍ NÃO, VIU ?
Áudio Maria	“Você escreve também pro Jean”
Narrador	MESMO COM TANTA GENTE BOA A ACOLHENDO E CRIANDO BOAS MEMÓRIAS/ MARIA TAMBÉM LEMBRA DE MOMENTOS RUINS QUE PASSOU COM ALGUMAS OUTRAS PESSOAS QUE NÃO FORAM TÃO BOAS ASSIM
Áudio Maria	“Aquele menina judiou de mim”
Narrador	A MARIA NÃO QUIS FALAR TANTO SOBRE ESSE ASSUNTO/ ENTÃO FIQUEI COM DÚVIDAS SOBRE COMO ELA CHEGOU AO LAR// COMO ELA NÃO SOUBE ME EXPLICAR TIVE QUE NOVAMENTE RECORRER A TERESA//
Áudios Teresa	“A Maria chegou aqui”
Narrador	MESMO COM MARIA LEVANDO DE FORMA BEM HUMORADA SUA VIDA NO LAR/ DE VEZ EM QUANDO AS COISAS COMEÇAM A FICAR ESTRESSANTES//
Áudio Maria	“Tô com cara de choro”
Narrador	ELA APROVEITOU UMA MUDANÇA DE ASSUNTO E ME CONTOU DE UMA DAS COISAS QUE GOSTAVA DE FAZER//
Áudio Maria	“Gostava de curtir baile”
Narrador	DEPOIS DISSO FUI SURPREENDIDO POR UMA PERGUNTA:
Áudio Maria	“Você dança funk?”

Narrador	E ELA ENTÃO PEDIU PRA EU TOCAR UMA MÚSICA QUE ELA GOSTA MUITO
Audio Maria	“Quando você escutar essa música lembra de mim”
Narrador	COM CERTEZA, SEMPRE QUE EU ESCUTAR ESSA MÚSICA, E TODAS AS OUTRAS QUE ESCUTAMOS DESDE O PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST/ EU LEMBRAREI DE TODAS AS CONVERSAS/ HISTÓRIAS E PRINCIPALMENTE/ DA OPORTUNIDADE DE CONSEGUIDO/ MESMO QUE FORMAS PEQUENAS/ AMPLIAR AS VOZES DOS 5 IDOSOS QUE PARTICIPARAM DESTE PROJETO//
Áudio Maria	<p>“Tem um banquinho aqui”</p> <p>SIM, MARIA// PODE TER CERTEZA QUE EU VOLTAREI/ SENTAREMOS NESSE BANQUINHO/ E ESPERO/ QUE DA PRÓXIMA VEZ LEVANDO NOVIDADES SOBRE TANTAS OUTRAS PESSOAS QUE CONHECERAM AS HISTÓRIAS NÃO SÓ SUAS/ MAS DO SEU TAQUINHO/ DA DONA ALDA/ DO SEU LUIZ DIOGO E DA DONA VERA//</p> <p>O PODCAST VIDAS INVISÍVEIS FOI PRODUZIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA GRADUAÇÃO EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR RICARDO AUGUSTO//</p> <p>AS ENTREVISTA/ OS ROTEIROS E A EDIÇÃO DOS MATERIAIS FORAM REALIZADAS POR MIM/ YURI SIMÕES</p> <p>DEVIDO A PANDEMIA DA COVID-19 A GRAVAÇÃO DOS ÁUDIOS FOI REALIZADA DE FORMA REMOTA/ EM PARCERIA COM A DIREÇÃO DO LAR SANTA MARIA//</p>